UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DANIELA DA SILVA VIEIRA

DJONGA CULTURA E IDENTIDADE NEGRA: o rap como ferramenta de resistência

PICOS - PI
2022

DANIELA DA SILVA VIEIRA

DJONGA CULTURA E IDENTIDADE NEGRA: O rap como ferramenta de resistência

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito para obtenção do grau de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva.

PICOS - PI
2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

V658d Vieira, Daniela da Silva
Djonga cultura e identidade negra: o rap como ferramenta de resistência / Daniela da Silva Vieira – 2022.
Texto digitado
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHN
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federaldo Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos, 2022.
"Orientador: Dr. Mairton Celestino da Silva."

1. História. 2. Cultura – Rap. 3. Identidade negra. 4. Racismo. I. Silva, Mairton Celestino da. II. Título.

CDD 301.451

Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
Coordenação do Curso de História

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE HISTÓRIA – 18/05/2022

Às dez horas do dia dezoito de maio de dois mil e vinte dois teve início a apresentação do TCC **"DJONGA CULTURA E IDENTIDADE: O RAP COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA"** da **discente DANIELA DA SILVA VIEIRA**, regularmente matriculada no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí. A banca examinadora foi composta pelos seguintes membros: Profº. Dr. **Mairton Celestino da Silva** (presidente) - Profª. Mestranda **Maria Artuane da Costa Oliveira** (examinadora externa) e Profº. Dr. **José Maria Vieira de Andrade** (examinador interno) . O TCC foi apresentado através da plataforma *Google meet*, considerando o estado de calamidade em saúde pública e a suspensão das atividades administrativas e acadêmicas em caráter presencial por tempo indeterminado. Após a arguição, a banca examinadora conferiu à discente aprovação, com média de 8.5**.**

A presente ata tem **validade** de **60 (sessenta) dias** a contar desta data, prazo-limite para a entrega do TCC e dos demais documentos necessários junto à Coordenação de História.

Na forma regulamentar, esta ata foi lavrada pela Comissão Examinadora, assinada pelos membros titulares e pelo discente.

Picos (PI), 18 de maio de 2022

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr. Mairton Celestino da Silva
Presidente

Prof. Maria Artuane da Costa Oliveira
Examinador Externo

Prof. Dr. José Maria Vieira de Andrade
Examinador Interno

Daniela da Silva Vieira
Discente

Dedico a minha mãe, Raimunda Francisca Maria e ao meu pai, Sinvaldo da Silva, por serem meus dois pilares de sustentação.

AGRADECIMENTOS

Qualquer lista de agradecimento nunca será o suficiente, pois diversas pessoas contribuíram direta e indiretamente para que eu chegasse até aqui: família, professores da universidade, todos os docentes que passaram pela minha vida e, claro, os amigos. Quero agradecer primeiramente à Deus por ter me dado saúde, força e coragem. Em seguida quero agradecer a mim mesma, por acreditar que poderia realizar meus sonhos. Por não ter desistido, quero agradecer a minha pessoa, por ter aguentado tanto e feito todo esse trabalho duro.

Quero agradecer aos meus pais pela força e pelo apoio. A minha mãe, Raimunda Francisca Maria pelo companheirismo, pela sabedoria compartilhada, foi quem sempre me ensinou sobre tudo. Fora quem sempre lutou para que eu conseguisse conquistar aquilo que ela não pôde ter. Eu cresci com minha mãe falando que o estudo deveria ser minha segunda mãe, porque é ela, a educação, que poderia me dar apoio e segurança pelo resto da vida. Se cheguei até aqui foi por causa da senhora, obrigada mãe!

Em seguida, quero agradecer ao meu pai, a pessoa mais legal que conheço, por ser músico e instrumentista, sempre procurou me introduzir no mundo da música, o que me incentivou profundamente a escolher este tema de pesquisa. Obrigado pai por todo conhecimento compartilhado e pelas palavras de apoio. Quero agradecer também a minha vó Chica, por toda vez que pensei em desistir e ela vinha com suas palavras de sabedoria e contava, especialmente, a história do meu tio Reinaldo que começou a ler e escrever aos 18 anos e aos 30 se formou pela Universidade de São Paulo-USP. Então falava e repetia quantas vezes achasse necessário, que desistir não está no vocabulário da família. Agradeço também a minha tia Neta que sempre acreditou e continua acreditando, apoiando os meus sonhos.

Agradeço, especialmente, ao meu querido professor e orientador o Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva, que confiou e acreditou em mim para desenvolver essa pesquisa, sobre um objeto de estudo tão desafiador e importante para a nossa sociedade. Sempre compreensivo e companheiro. Com ele aprendi que a pesquisa científica deve ser engajada e responsável. Com ele aprendi, por meio do exemplo, que nosso conhecimento deve ser sempre voltado para a luta dos direitos das minorias, daqueles que nunca tiveram voz e nem vez, como é o caso das pessoas negras.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos e amigas do curso que direta e indiretamente contribuíram para essa pesquisa e para esse sonho. São pessoas que

cotidianamente compartilhei minhas alegrias, aventuras, estresses, medos, obrigado pelos conselhos, diálogos e experiências compartilhadas. E destes, agradeço especialmente aos meus dois amigos, a Cleia Priscila de Souza Santos e o Thiago da Silva Santos, que são verdadeiros irmãos que a vida me deu. Muito obrigada pelo companheirismo e pela amizade de vocês. Vocês foram muito importantes nessa jornada. E, mais um obrigado a Cleia, por me apresentar esse cantor tão importante, necessário e representativo para a cultura jovem negra que é o Djonga. E, por fim, agradecer a todos que fizeram parte desse sonho que se realiza com esta escrita. Muito Obrigada!

RESUMO

Esta monografia estuda a importância do rap como um sinônimo de representatividade para aqueles que o ouvem. Utilizamos como fonte base dessa pesquisa a trajetória cultural do rapper Djonga, com foco especialmente para o seu conteúdo artístico. Metodologicamente, a argumentação se constrói em função da análise da letra de três músicas e das imagens dispostas em quatro de seus álbuns. Dessa forma, procuramos realizar um estudo iconográfico em torno desses álbuns, margeado sob um o recorte temporal que se estende dos anos de 2017 a 2020, a fim de compreender como as letras das músicas de rap, junto com as imagens de seus álbuns, operam uma nova forma de pensar elementos culturais, sociais, identitários e da própria representatividade negra na sociedade brasileira. Neste trabalho farei uso da interdisciplinaridade, promovendo o intercâmbio entre instrumentos da própria História, com outros vinculados à sociologia e a filosofia, enquanto forma de pensar nosso objeto de pesquisa sob uma leitura mais ampla, plural.

Palavras-chaves: História, Cultura, Rap, Identidade Negra, Racismo.

ABSTRACT

This monograph studies the importance of rap as a synonym of representation for those who listen to it. We used as a base source for this research the cultural trajectory of the rapper Djonga, focusing especially on his artistic content. Methodologically, the argument is built on the analysis of the lyrics of three songs and the images arranged in four of their albums. In this way, we seek to carry out an iconographic study around these albums, bordered by a time frame that extends from the years 2017 to 2020, in order to understand how the lyrics of rap songs, together with the images of their albums, operate a new way of thinking about cultural, social, identity elements and the black representation in Brazilian society. In this work, I will make use of interdisciplinarity, promoting the exchange between instruments of History itself, with others linked to sociology and philosophy, as a way of thinking about our research object under a broader, plural reading.

Keywords: History, Culture, Rap, Black Identity, Racism.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Capa do álbum *Heresia* (2017) 39
Figura 2: Capa do álbum *Clube da esquina* de Milton Nascimento e Lô Borges (1972) 40
Figura 3: Capa do álbum *O menino que queria ser Deus* (2018) 43
Figura 4: Capa do álbum *Ladrão* (2019) 45
Figura 5: Capa do álbum *Histórias da minha quebrada* (2020) 46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
2 O HISTORIADOR DA QUEBRADA 12
2.1 Uma breve história sobre o rap 16
2.2 O rap no Brasil 19
3 O RAP DE PROTESTO: UMA ANÁLISE DOS RAPS 21
3.1 Olho de Tigre 24
3.2 Corra 28
3.3 Hat-Trick 33
4 ANÁLISE ICONOGRÁFICA 38
4.1 Heresia 39
4.2 O menino que queria ser Deus 43
4.3 “Ladrão” 45
4.4 Histórias da minha área 46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS 52

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo analisa a importância do rap como um sinônimo de representatividade para aqueles que o ouvem. E usaremos como fonte base dessa pesquisa, o rapper mineiro Djonga e uma parte de seu trabalho artístico no recorte temporal de 2017 a 2020. Nesse sentido, analisaremos especialmente suas músicas e seus álbuns mais aclamados pela mídia. A escolha desse rapper partiu do princípio da afeição e admiração da presente autora com o mesmo. Mas também, pela própria representação no cenário nacional construída por Djonga, resultando em diversos prêmios de melhor álbum e de melhor música do ano.

O rapper Djonga gosta bastante de trabalhar com "rimas afiadas". Denunciando casos de racismo, machismo, fascismo, abordando através das mesmas, temas como: desigualdade social e lutas raciais, entre outros temas de suma importância, em particular, para uma nação herdeira de séculos de escravidão. Sempre contando histórias pessoais, trazendo seu cotidiano de quando morava na periferia de Belo Horizonte. Trabalhando com uma resistência através do discurso em suas músicas. É um rapper que como ele mesmo fala: "eu não me calo". Continuamente procurando abordar temas que outros rappers não chegam a abordar, ou seja, ser original na música enquanto responde às tramas reais. Gerando assim, especialmente na classe jovem da periferia, uma representatividade e semelhança ao que o rapper fala, fazendo assim os jovens negros de periferia se sentirem verdadeiramente identificados.

O trabalho está estruturado sob três capítulos. No capítulo primeiro, que subdivide em três seções: no primeiro tópico, chamado de *Historiador da quebrada,* trataremos acerca da vida e obra do artista Djonga, atravessando diversos momentos de sua trajetória até a chegada aos palcos. Em seguida no ponto nomeado como *uma breve história sobre o rap*, abordaremos o processo de emersão de estilos, movimentos, no âmbito musical como o hip hop junto ao próprio rap, pensando de onde teriam partido suas origens. No mesmo tópico, discutiremos ainda sobre as dificuldades de se apreender uma historiografia da música, especialmente, daqueles estilos menos aclamados por uma crítica nacional, ou seja, estilos musicais, como é o caso do rap, que nascem e falam às periferias.

Em seguida, o tópico três chamado de *o rap no Brasil*, como o título bem sugere, abordaremos elementos que permeiam a chegada do rap no Brasil. Ou seja, observamos a importância de entendermos como o rap foi criado e como este chega ao nosso país. É uma história que deve ser contada e entendida para um melhor compreendimento do trabalho, das

discussões que virão. Agora, chegando ao segundo capítulo, podemos observar que este estará destinado para o aprofundamento das discussões, este é o momento em que partimos diretamente para análise das nossas fontes, para a discussão dos raps. Neste momento, buscarei analisar especialmente as músicas do nosso personagem. Cada verso e rima, associando o que o rapper Djonga busca trazer em suas produções com obras de outros sujeitos, intelectuais, tanto do campo da História, como de outros campos, para uma melhor e mais vasta compreensão. Relacionado ao que o artista aborda, suas produções revelam uma preocupação em produzir um discurso político em forma de música, dando visibilidade a temáticas importantes, necessárias, para a nossa sociedade, o que buscarei comprovar cientificamente. Utilizei assim três músicas que acredito poderem sintetizar a proposta de Djonga e elucidar questões próprias do presente trabalho. As músicas são: *Olho de tigre* (2017), *Corre* (2018) e *Hat-Trick* (2019), todas vinculadas ao nosso sujeito de pesquisa.

Portanto, chegando ao terceiro e último capítulo da nossa produção, procuramos perceber outro movimento observado sobre o trabalho do rapper Djonga, que é a própria potência das imagens que atravessam a composição visual do seu álbum. Ou seja, neste ponto partimos para uma análise iconográfica, na qual serão estudadas as imagens presentes, especialmente nas capas dos álbuns do rapper Djonga. Antes de adentrarmos ao contato direto com as fontes imagéticas, produzimos uma breve introdução acerca dos desafios próprios de se estudar em função da iconografia, ou seja, pensando acercas de cuidados que se deve ter ao analisar a construção das mesmas e seus possíveis direcionamento. No estudo de tais imagens, procuramos, sempre que possível, apresenta-las conectadas ao debate do capítulo anterior, dando continuidade à linha de raciocínio em desenvolvimento.

Ainda neste capítulo, como já mencionado, investiga-se a proposta visual dos álbuns do rapper Djonga, sendo estes, de maneira mais específica as produções: *Heresia* (2017), *O menino que queria ser Deus* (2018), *Ladrão* (2019), *Histórias da minha área* (2020). O objetivo, ou, o norte de análise é o mesmo do capítulo dois, com a particularidade de que neste partimos diretamente das fontes imagéticas. Logo, as imagens são pensadas como paradigmas, exemplos que servem para pensar o todo, devendo assim ser estudadas, compreendidas e dialogadas com as questões próprias do rapper em estudo, atentando para o fato de Djonga procura contar a sua história através do seu trabalho e isso começa pela própria capa de seus álbuns. Por fim, podemos destacar que essa monografia representa muito para a autora, que viu e vê no rap uma ferramenta de resistência, de liberdade e com grande potência conscientizadora, política e socialmente, gênero inspirador, para a autora, seja como ouvinte ou como acadêmica.

2 O HISTORIADOR DA QUEBRADA

Gustavo Pereira Marques, mais conhecido pelo nome artístico Djonga nasceu em 04 de junho de 1994, na Favela do índio, em Belo Horizonte, cresceu no bairro de São Lucas, Santa Efigênia.[1] Djonga é rapper, compositor, historiador e escritor. Chama a atenção por sua lírica afiada e agressiva e por suas fortes críticas sociais em suas letras.[2] Estudou na escola pública Instituto de Educação de Minas Gerais. Sua carreira começou nas ruas de Belo Horizonte. Djonga também cursou História pela Universidade Federal de Ouro Preto, até o sétimo período, na qual já próximo de se formar, largou o curso por dois motivos, segundo o próprio em entrevista dada ao Canal Provoca, no portal *Youtube.com*.[3]

O primeiro motivo seria por questões de revolta, sendo que na entrevista o mesmo relata: “Entrei na faculdade de História na UFOP em Ouro Preto, porém, era um lugar que eu não me sentia confortável”. Ele continua... “Um lugar que a gente pensa que é uma faculdade pública que era pra ter um tanto de gente mais parecido comigo. E só tinha pessoas que vieram da mais alta classe; um tanto de rico estudando de graça e um tanto de pobre pagando pra estudar no resto do país de modo geral”. Já o segundo motivo, era porque ele já estava começando a fazer sucesso através do rap, decidindo assim, seguir a carreira.

As inspirações musicais de Djonga vieram do funk e do rap nacional, sendo que seus primeiros e favoritos CDs foram do grupo Racionais MCs e do Dogão[4]. “Foi aí que eu comecei a gostar mesmo do ritmo. Além dos raps, tinha os funks proibidões. Depois eu comecei a escutar uns rocks, Cazuza e Barão Vermelho; aí eu vi que queria escrever música", conta o rapper.[5]

A sua discografia de sucesso é marcada, disposta, entre os anos de 2012 a 2021, foi quando começou se apresentando em saraus de poesias, o que começa quando tinha apenas 16 anos, naquilo que chamavam de *Sarau Vira-Lata*. Por volta de 2012, quando estava se formando na escola, ele frequentava esses saraus, mais por *hobby* e apreciar as poesias, foi

---

[1] DORNELAS, Luana (ed.). **A trajetória de Djonga**. [*S. l.*], 14 dez. 2017. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga. Acesso em: 15 nov. 2021.

[2] HDS, Vitor (ed.). **Biografia**. [*S. l.*], 18 maio 2019. Disponível em: https://www.last.fm/pt/music/Djonga/+wiki. Acesso em: 16 nov. 2021.

[3] DJONGA | #Provoca. [*S. l.*: *s. n.*], 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n9yOGEUVJhc&t=544s. Acesso em: 16 nov. 2021.

[4] Racionais MCs grupo de rap fundado em 1988. Dogão personagem criado em 2004 pelo produtor musical Rick Bonadio e pelo rapper Suave. Sua voz é interpretada pelo rapper Suave.

[5] HDS, Vitor (ed.). **Biografia**. [*S. l.*], 18 maio 2019. Disponível em: https://www.last.fm/pt/music/Djonga/+wiki. Acesso em: 16 nov. 2021

neste momento que se interessou por fazer poesia.[6] Na entrevista que o rapper Djonga fez para o site da *Red Bull*, o mesmo afirma que esses movimentos independentes de saraus eram como uma forma de protesto e na época, especialmente direcionado ao prefeito da cidade.

> Eu comecei minha carreira num sarau de poesia, chamado Sarau Vira-Lata. Foi na época em que os movimentos independentes de rua de BH estavam muito fortes, existiam vários saraus espalhados pela cidade. Esse movimento de rua também era político, funcionava como um protesto contra o prefeito da cidade, por isso era tão forte.[7]

O surgimento do nome artístico Djonga veio de um amigo que lhe deu o nome artístico para participar do Sarau Vira-lata de Belo Horizonte (BH), como relata o artista em uma entrevista:

> O Hot chamava todo mundo assim. Na verdade não tinha muito um significado, era só uma palavra aleatória que ele gostava de falar, zoando o pessoal. No Sarau Vira-Lata a gente escrevia o nome das pessoas no papel para elas recitarem poesia. Um dia, eu estava atrasado e pedi para ele escrever o meu nome no papel e ele escreveu "Djonga". Quando chamaram "Djonga", o pessoal riu e fui lá recitar. Foi algo que marcou e eu fui virando "Djonga" aos poucos. Descobri o significado depois, que nem o próprio Hot sabia, que é "sonolência observadora". É uma pessoa que está na dela, mas nada passa batido.[8]

Em 2016, um tempo depois, o rapper *Hot Apocalypse* o convidou pra montar um grupo, e começou seus trabalhos no estúdio do *Chuck*, mais conhecido como *Oculto Beats*. Ele produziu a base de *Corpo Fechado* que foi o primeiro *single* de Djonga[9]. Com esse disco ele foi conhecendo as pessoas certas e rapidamente conquistando o seu espaço no cenário do rap. Entre 2017 e 2018 foram lançados mais dois álbuns, o primeiro, ainda em 2017, com o nome de Heresia e no ano seguinte o álbum chamado *O menino que queria ser Deus*.

O álbum *Heresia* era sua produção de estreia atingindo a aprovação do público e da crítica, neste fazem-se fortes críticas à sociedade e traz a ideia de empoderamento negro. *Heresia* foi tão impactante que se tornou o melhor álbum do ano na renomada lista da revista *Rolling Stones*[10] , perfazendo assim um sucesso inédito para Djonga.[11] No mesmo ano concorreu ao prêmio de melhor faixa pela *Red bull* ficando em sétimo lugar. [12] Em 2018, Djonga lança seu segundo álbum *O menino que queria ser Deus*, na qual expõe sua poesia de

[6] Disponível em: https://www.revistarap.com.br/tudo-sobre-djonga/. Acesso em: 15 nov. 2021.
[7] Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga. Acesso em: 15 nov. 2021.
[8] Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga. Acesso em: 15 nov. 2021.
[9] Disponível em: https://www.revistarap.com.br/tudo-sobre-djonga/. Acesso em: 15 nov. 2021.
[10] Revista dedicada temas como: música, política e cultura popular.
[11] Disponível em: https://fpabramo.org.br/2018/06/20/critico-e-polemico-djonga-e-um-rappers-da-nova-geracao/. Acesso em: 16 nov. 2021.
[12] Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/quais-sao-os-100-melhores-sons-nacionais-de-2017. Acesso em: 16 nov. 2021.

enfrentamento, de “rimas afiadas”, debatendo diversas questões tanto sociais, raciais, quanto da própria carreira e vida pessoal.

> O nome do novo disco veio justamente de uma reflexão que Djonga teve sobre o que é ser artista: alguém que cria, que trabalha com estética, que dá vida a sua arte, a sua criação. Mais ou menos como Deus é o criador e cria as suas criaturas. "De alguma forma, eu sempre quis criar, manipular as coisas. Mas não manipular de uma maneira negativa — na verdade, às vezes, também, porque somos todos, meio perversos", explica Djonga. "Eu sempre quis estar à frente do tempo, no controle do jogo. Sou meio assim, ambicioso. Aí, quando estávamos conversando no estúdio sobre um possível título, eu falei: na verdade, eu queria ser Deus — mas Deus são tantas coisas."[13]

O álbum foi eleito o sexto melhor disco brasileiro de 2018, pela revista *Rolling Stones Brasil*[14]. Ficando ainda entre os 25 melhores álbuns brasileiros do segundo semestre de 2018, pela *Associação Paulista de Críticos da Arte* (APCA).[15]

No ano seguinte, em 2019, Djonga lança outro álbum chamado *Ladrão*. Nessa produção, o rapper Djonga se inspira no personagem heroico *Robin Hood*. O conceito de Ladrão utilizado vem dessa ideia do mito de *Robin Hood*, do sujeito que rouba dos ricos para dar aos pobres. Para Djonga, “ele traz para o meu povo", como ele diz. Djonga ainda mora no mesmo bairro de São Lucas, em Belo Horizonte. "Minha família mora toda em três ruas aqui", ele conta.[16] O álbum traz a importância de valorizar suas raízes e, assim, não se esquecer de onde veio; o rapper fala que o nome do “Ladrão” está também ligado ao seu passado, ao período de sua infância.

> "O tempo passou e eu entendi o tipo de ladrão que eu devia ser. Esse que busca e traz de volta pras minhas e pros meus. Preparem-se pra ver meu melhor. Eu juro que eu dei meu melhor. E dessa vez eu tô falando sério. Quando eu disse que queria ser Deus, eu não sabia a responsa que estava chamando pra mim. Quando eu entendi, percebi o que eu devia fazer. Aí eu fui lá e fiz o que eu sempre fiz: roubei, roubei e trouxe de volta!"[17]
>
> "Ladrão" reafirma o compromisso do músico em ser uma referência como um dos maiores nomes da cena de Belo Horizonte, e mais do que isso, mostra um artista com visão ampla sobre as questões sociais que cercam o Brasil, especialmente os que estão relacionados ao povo negro[18].

---

[13] Disponível em: https://www.vice.com/pt/article/ywqaby/djonga-menino-queria-ser-deus-entrevista. Acesso em: 16 nov. 2021.

[14] Disponível em: (rapper). [*S. l.*], 24 nov. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Djonga_(rapper). Acesso em: 24 nov. 2021.

[15] Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/baco-exu-do-blues-gilberto-gil-carne-doce-duda-beat-apca-escolhe-os-25-melhores-discos-brasileiros-do-segundo-semestre-2018/. Acesso em: 24 nov. 2021.

[16] Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/incansavel-djonga-resgata-sua-origem-com-o-novo-disco-ladrao-ouca/. Acesso em: 16 nov. 2021.

[17] Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/incansavel-djonga-resgata-sua-origem-com-o-novo-disco-ladrao-ouca/. Acesso em: 16 nov. 2021.

[18] DJONGA: (rapper). [*S. l.*], 24 nov. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Djonga_(rapper). Acesso em: 24 nov. 2021.

Em 2020, outro compacto é lançado, este com o nome de *Histórias da minha área*. Nesse álbum Djonga faz críticas às violências do cotidiano, narra histórias sobre a comunidade que nasceu e cresceu. Nesta compilação, o rapper fala também das suas relações íntimas e familiares. Estas fazem parte dos chamados "elementos de identificação", na qual os seus ouvintes, fãs, muitas das vezes se veem representados, o que nos leva a ideia de que sua trajetória se parece com a realidade de muitas famílias brasileiras.

> Eu quis contar para as pessoas a minha história e fazê-las lembrarem das delas e porque é tão importante a criação que você teve, os amigos de quem você foi e esquecer, inclusive, todos os poréns, essas coisas tão pequenas que muitas vezes criam um trauma na gente. Então, eu quis contar a minha história e fazer as pessoas lembrarem das delas, porque todas as áreas do Brasil se parecem demais. Às vezes, quando estou conversando com os caras, eles me contam sobre as histórias deles, das áreas deles, e é praticamente a mesma coisa; conta Djonga.[19]

No mesmo ano, em 29 de setembro, Djonga fez história mais uma vez ao se tornar o primeiro brasileiro a ser indicado ao importante *BET Hip Hop Awards*.[20] Esta é uma premiação cultural de renome internacional e que possui foco especial para a cultura negra. Concorrendo na categoria de melhor artista internacional, Djonga da mais um passo na sua carreia, mas infelizmente não chegou a aparecer entre os premiados.

O seu último álbum foi lançado no ano de 2021, chamado *NU*. Se mostrando mais voltado para o que seria seu lado como ser humano comum passível a uma diversidade de questões comuns a outros sujeitos, ele vai falar dos seus medos, acertos, erros, angústias, ou seja, aqui o foco, em certa medida deixa um pouco de lado as letras mais agressivas, para uma experiência mais sensitiva, mas que demonstra diversas dificuldades de sua trajetória, o que não deixa de reforçar seu trabalho como militante, não só do movimento negro, mas atento às questões sociais das mais diversas. Um detalhe sobre o lançamento de seus cinco álbuns aqui lembrados, é que todos foram lançados no dia 13 de março de seus respectivos anos. Esse aspecto comum seria uma espécie de superstição do próprio rapper, todavia, até o momento ele não confirma abertamente sua motivação.

Djonga, atualmente, é ativo em todas as redes sociais e carrega uma legião de fãs que se inspiram no seu trabalho e que se sentem representados com fortes versos. Só no *YouTube.com* possui mais de um milhão de inscritos e no *Instagram* cerca de dois milhões e novecentos mil seguidores. Todavia, mesmo com sua fama atingindo números expressivos,

---

[19] Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/03/26/interna_diversao_arte,837125/eu-quis-contar-a-minha-historia-diz-djonga-sobre-o-mais-novo-trabal.shtml. Acesso em: 16 nov. 2021.

[20] (**BET Hip Hop Awards** é uma premiação norte-americana anual realizada pela Black Entertainment Television e voltada para rappers, produtores e diretores de videoclipes de hip hop e Rap.)

como os citados, ainda é difícil encontrar material sobre o artista nas redes sociais, mas ao ouvir suas músicas fica bem claro que ele se concentra na realidade atual e consegue captar muito bem como os nossos dias são controversos e beiram o absurdo.[21] "O rap, então, traz uma linguagem própria, constitui a subjetividade baseado na vivência de negros e negras, que são os protagonistas da história, sujeitos com historicidade, autonomia e múltiplos agenciamentos, o rap é biografia".[22]

2.1 Uma breve história sobre o rap

O rap vem da abreviação de *rythm and poetry*, que significa ritmo e poesia. Nosso entendimento de tal estilo musical passa por vê-lo como uma espécie de fórum cultural em que os negros urbanos podem expressar experiências, preocupações e visões política[23]. As canções de rap seriam assim representações da própria realidade de quem está cantando, como de seus admiradores, suas produções são as narrativas que dão vazão as suas próprias histórias. Trazendo descrições de sua realidade social, cultural, étnica, entre outras; como também, fazendo um rompimento com os mais variados padrões estabelecidos, sejam eles étnicos, simbólicos, estéticos, toda forma de predisposições impostas pela sociedade. O rap serve como quebra de barreira desses vícios.

Tal gênero musical traz consigo diversas heranças, advinda em especial de tradições africanas compostas de relatos orais. O rap, dessa forma, remonta a uma prática de exaltação de uma cultura que, advinda desde origens africanas e interligadas às questões históricas da população negra ao longo do tempo, faz-se uso de relatos orais, rimas e da própria construção estética, de um visual, para se caracterizar enquanto expressão de liberdade e resistência de uma classe de sujeitos, historicamente marginalizada. Assim por sua forma discursiva, pode-se pensar que: o rapper na verdade declama de maneira ritmada a letra da música, em uma mistura de declame com canto.[24] Sendo suas tradições são passadas de geração em geração e ganhando, especialmente para essa transmissão de uma herança cultural através da oralidade, o nome de *Griots.*

---

[21] Disponível em: https://fpabramo.org.br/2018/06/20/critico-e-polemico-djonga-e-um-rappers-da-nova-geracao/. Acesso em: 16 nov. 2021.

[22] SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos**: Comunicação, Sociedade e Cultura, [s. l.], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020.

[23] KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**/ Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

[24] PALERMO FRADE, LARISSA. **A criminologia Cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. Orientador: Cláudia Maria Cruz Santos. 2015. 149 p. dissertação (bacharelado) - Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

> Para muito além disso, alguns historiadores da música se remetem ao fenômeno musical até as savanas africanas com seus poetas cantadores "de música falada", os griot, ou até aqui mesmo no Brasil, fazendo uma analogia livre aos repentistas da região nordeste como representantes de algo que veio a se tornar e/ou contribuíram para o estilo. [25]

> Há três categorias de *griots*: os músicos, que tocam instrumentos, compõem e cantam, transmitindo canções tradicionais antigas; os embaixadores e cortesãos, responsáveis pela mediação de conflitos entre famílias; e, por fim, os genealogistas, historiadores e/ou poetas, os quais, normalmente, viajam pelas aldeias contando histórias e transmitindo tradições. De maneira geral, importa observar que os *griots* são responsáveis não somente por narrarem histórias, mas transmitir valores culturais, memórias e notícias de forma oral – falando ou cantando.[26]

Com isso, essa cultura vai chegar às Américas e se modificar por meio de ondas migratórias que configuraram a cultura do mundo. Com essas migrações surgiram um caldeirão multicultural como o *jazz*, *blues*, *rock and roll*, *reggae* e o rap.

> Primeiramente, ocorreu a retirada de centenas de milhares de homens e mulheres do continente africano, das mais diversas origens culturais, para alimentarem os regimes escravocratas coloniais nas Américas. Esse contato cultural forçado entre africanos e europeus convergiu em diversas manifestações artísticas em todo continente, configurando assim estilos produzidos por descendentes desses indivíduos trazidos da África, ou, afrodescendentes: *Blues*, *Jazz*, *Rock*, *Soul*, *Reggae*, *Funk*, *Disco*, Samba e claro o Rap. Todos estes (dentre outros) gêneros e estilos se desenvolveram em meio às contradições do continente americano e seus conflitos sociais, econômicos e raciais, influenciando toda produção artística e musical contemporânea globalizada.[27]

"Com o projeto urbano que buscava reformular Nova Iorque, com a construção de rodovias, áreas residenciais e parques, a região do *Bronx* foi a maior atingida: seus imóveis foram desvalorizados e a população, como alternativa, acabou por superlotar as áreas periféricas dessa região".[28] Após sofrer sucessivos incêndios, o abandono de seus habitantes e das políticas públicas, a área se torna decadente e passa a abrigar negros e latinos afro-

---

[25] RAIMUNDO CUSTÓDIO JÚNIOR, Venício. **A vida é diferente da ponte pra cá:** cultura, identidade e diferença nos raps dos racionais mc's. Orientador: Lucas Cid Gigante. 2018. 68 p. monografia (Bacherelado) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2018.

[26] PALERMO FRADE, LARISSA. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. Orientador: Cláudia Maria Cruz Santos. 2015. 149 p. Dissertação (Bacherelado) - Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

[27] RAIMUNDO CUSTÓDIO JÚNIOR, Venício. **A vida é diferente da ponte pra cá:** cultura, identidade e diferença nos raps dos racionais mc's. Orientador: Lucas Cid Gigante. 2018. 68 p. Monografia (Bacherelado) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2018.

[28] CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério de. **A identidade do movimento Hip-Hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de Rap** / Tatiane Valéria Rogério de Carvalho. – Curitiba, 2011. f. 141.

americanos e imigrantes afro-caribenhos, porto-riquenhos e outros.[29] Podemos dizer que seria aqui onde surge a segunda onda migratória:

> A segunda onda da diáspora negra foi após a Segunda Guerra Mundial. Em busca de condições melhores nos países em desenvolvimento (prometidas por uma ideologia capitalista modernizadora), homens e mulheres das margens do mundo passam a encontrar na Europa e nos EUA um possível refúgio socioeconômico. Jamaicanos, porto-riquenhos, cubanos e outros habitantes do Caribe e da América Latina, saíram de suas terras para as periferias dos grandes centros, onde o custo era relativamente baixo e a procura de mão de obra em ocorrência da industrialização e proletarização era consideravelmente real. Nas periferias das grandes cidades agora se concentravam afrodescendentes, imigrantes continentais latinos e os recém-chegados caribenhos. [30]

Contudo, o rap ficou conhecido mesmo fora nos anos de 1980. Devido ao poder de transmitir a realidade das condições dos norte-americanos negros que viviam nos guetos violentos. "No entanto, em meio ao caos, existiam alguns jovens que promoviam festas comunitárias. A dança, a música e o grafite passaram a ser uma forma desses jovens excluídos se manifestarem e se divertirem".[31] E isso os ajudou. O rap se tornou um veículo de expressão política, transmitindo à revolta, a opressão e a indignação de um sistema que não funcionava e de um Governo que era conservador.

> A década de 1980 foi um período de declínio das condições de vida e das expectativas dos negros, durante os governos conservadores que transferiram a riqueza dos pobres para os ricos, fizeram um corte nos programas sociais e negligenciaram negros e pobres. Durante esse período, houve uma queda no padrão de vida e no nível de emprego dos negros, e as condições de vida dos guetos urbanos se deterioraram com aumento da criminalidade, e uso de drogas, a gravidez na adolescência, a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis, as gangues e a violência urbana.[32]

2.2 O rap no Brasil

No Brasil, o rap vai surgir com o fim da ditadura civil-militar (1964-1985). E, quem vai influenciar diretamente sua trajetória são os movimentos sociais. No fim dos anos 1980 e entrada dos 1990, as rádios comunitárias de áreas periféricas e favelas "só" tocavam rap,

---

[29] PALERMO FRADE, LARISSA. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. Orientador: Cláudia Maria Cruz Santos. 2015. 149 p. Dissertação (Bacherelado) - Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2015.

[30] RAIMUNDO CUSTÓDIO JÚNIOR, Venício. **A vida é diferente da ponte pra cá:** cultura, identidade e diferença nos raps dos racionais mc's. Orientador: Lucas Cid Gigante. 2018. 68 p. Monografia (Bacherelado) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2018.

[31] CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério de. **A identidade do movimento Hip-Hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de Rap** / Tatiane Valéria Rogério de Carvalho. – Curitiba, 2011. f. 141.

[32] KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**/ Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti .Bauru ,SP: EDUSC,2001.

tornando-se uma forma de expressão popular, o que foi o principal catalizador de movimentos culturais urbanos periféricos.

> O *hip hop* surgiu inicialmente na cidade de São Paulo, no final da década de 1970 e começo da década de 1980. Nesse período, o país vivenciava o fim do regime militar e a hiperinflação, que causavam o desemprego e a precarização das condições de vida de grande parte da população. Todo esse conjunto histórico e social impulsionava e consolidava grande parte dos movimentos sociais, que exigiam que suas vozes fossem ouvidas.[33]

O ponto de encontro da juventude negra com a chegada do movimento hip hop no Brasil foi à cidade de São Paulo.

> Foi fundamental a constituição de um local que serviu de ponto de encontro da juventude negra. Em São Paulo a Rua 24 de Maio. (Região central da cidade) onde se dava a venda de discos e revistas (vindos dos Estados Unidos) dos artistas afro-americanos e a divulgação dos bailes" (ANASTÁCIO, 2001. p 21).[34]

Como foi falado mais acima o principal divulgador do *hip hop* no Brasil foram às rádios comunitárias nas favelas da cidade de São Paulo. E um dos "donos" desse projeto foi o Armando Martins com o seu programa *Projeto Rap Brasil* pela rádio *Metropolitana FM*, entre os anos de 1993 a 1995. Por meio desse projeto foram lançados vários grupos de rap durante os anos que esteve nem funcionamento.

> A forma de difusão mais comum para o movimento Hip-hop, o rap em especial, foi um esquema informal de divulgação. Como o conteúdo das letras e o tempo das músicas fugia ao padrão trabalhado pelas grandes gravadoras. Este esquema alternativo se utilizava das rádios comunitárias, que se proliferavam pelos bairros periféricos e nas favelas de São Paulo, assim como a forma de gravação de CDs que os grupos de rap se utilizavam. Isto porque a indústria cultural, através das grandes gravadoras, normalmente influi na produção musical dos artistas por elas contratados, alterando letras e o próprio padrão de tempo de execução que uma música deve ter (para ocupar menor espaço de tempo nas rádios comerciais, e estas poderem veicular mais propaganda entre uma música e outra).[35]

Nota-se no trecho acima que as grandes gravadoras não queriam investir muito no rap pelo tamanho das letras e pelos conteúdos que eram abordados. Isto é, devido às letras dessas canções abordarem um cotidiano que soaria "estranho" aos ouvidos de um público que não vivia aquela realidade. Por este motivo o rap acaba sendo mal interpretado por muitos, pois se faz crer que existe uma certa apologia à violência em suas performances. Com isso, as gravadoras mudavam arbitrariamente as letras e o tempo da música, para "caber" seus

---

[33] TEODÓSIO, Marcela Dias. **O rap e suas ressignificações** / Marcela Dias Teodósio. --São Carlos: UFSCar, 2012. 131 f.

[34] ANASTÁCIO, Edmilson Souza. **Rap, uma leitura do brasil contemporâneo, através da periferia**. 2001. 85 p. MONOGRAFIA (BACHERELADO) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001. p. 21.

[35] Ibid, p. 23.

comerciais e, assim, tornar as produções lucrativas, ou pelo menos, com menos atritos com o público que as criticavam. Não é de se estranhar que os rappers com o decorrer do tempo ficariam cansados de tais imposições, não queriam passar por essa opressão na liberdade de expressão, iniciando pela própria empresa que lucra com seus produtos. Por esses e outros motivos, os rappers optavam pelas participações nas rádios comunitárias, espaços vistos com maior liberdade e contato direto com seu público.

Contudo, um dos grupos de maior destaque que levou o nome do rap ao sucesso no final da década de 1990 foi o grupo *Racionais MC´s* que conseguiu fazer com que o rap representasse uma espécie de porta-voz do negro favelado, tornando o estilo/movimento conhecido nos mais diversos centros urbanos e classes sociais do país. Essas manifestações artísticas, com seu grande engajamento, com fãs, críticos e shows, os grandes veículos de comunicação já não poderiam continuar a ignorar o mais novo fenômeno periférico.

> O discurso do rap tem um cunho ideológico e de resgate à cidadania, é porta voz da comunidade, que, por meio dos rappers, busca e acredita estar revelando a realidade silenciada pelo poder local e estar chamando a atenção para a necessidade de políticas públicas de inclusão desses indivíduos excluídos socialmente, contrapondo-se, assim, com a imagem criada.[36]

Logo, será esse discurso que atravessa o movimento que balizará a investigação do nosso próximo capítulo, uma análise centrada especialmente sobre as músicas do Djonga, atentando especialmente para sua procura em tocar, falar, dos interesses das comunidades. Ao mesmo tempo, nosso sujeito abordado, vai denunciar problemas sociais e raciais, trazendo para nosso estudo também o lado dos sentimentos, do seu amor, pela sua comunidade que nasceu e viveu, pois é de lá que ele tira as suas forças, que sua fama se inicia e é sobre ela que Djonga procura intervir na sociedade.

[36] CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério de. **A identidade do movimento Hip-Hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de Rap** / Tatiane Valéria Rogério de Carvalho. – Curitiba, 2011. p. 48.

3 O RAP DE PROTESTO: UMA ANÁLISE DOS RAPS

Neste capítulo apresenta-se a metodologia usada para a realização desta monografia e junto a isso às análises das músicas. Com isso, foram feitas escolhas, assim como utilizadas ferramentas de investigação de conteúdo para a realização desse trabalho, falemos então um pouco mais destas. Como vem a discutir SANTOS (2019) a investigação de um dado conteúdo serve para explicar a necessidade da pesquisa e, por meio disso, a pesquisa se tornará mais enriquecida, ampla e passível de ser compreendida sob diversos contextos, mas tais autores deixam claro que o estudo a ser produzido deve ser saturado para que os resultados sejam mais confiáveis.

> A análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas.[37]

Em geral, podemos observar que os trabalhos historiográficos que buscam desvendar as relações entre história, música e a produção do conhecimento, enfrentam uma série de dificuldades. Isto é, a escassez de fontes, a desorganização de arquivos, a falta de especialistas e estudos específicos e a própria carência de apoio institucional, apresentam-se como os principais problemas enfrentados por aqueles que estudam a historiografia da música. É um tema que é, muitas das vezes, esquecido e desprezado por muitos, principalmente, pelas próprias universidades como campo de pesquisa.

> O universo popular, por exemplo, geralmente é esquecido pela historiografia da música, e quando se refere a ele, reforça apenas as perspectivas românticas, nacionalistas ou folclóricas. Isto ocorre porque, de modo geral, ela está fortemente marcada por um paradigma historiográfico tradicional, normalmente associado àquela concepção de tempo linear e ordenado, em que os artistas, gêneros, estilos e escolas sucedem-se mecanicamente, refletindo e reproduzindo, assim, uma postura bastante conservadora no quadro da historiografia contemporânea.[38]

Entretanto, podemos observar no trecho acima, novas pesquisas historiográficas sob o campo da música, são quase sempre deixadas de lado, desvalorizadas, especialmente aquelas

---

[37] SANTOS, THAIS dos. **"Será que eles veem em nós um marginal padrão?":** uma discussão sobre rap e reconhecimento. Orientador: Profª. Dra. Rayza Sarmento. 2019. 35 p. Monografia (Bacharelado) - Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais, 2019.

[38] MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música**: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, ed. nº 39, p. 203-221. ano 2000, p. 205.

que se voltam ao chamado "passado recente". E, devido a isso, as pesquisas se mostram engessadas, presas nos mesmos circuitos, movimentos e debates já "carimbados" pela comunidade acadêmica. Ou seja, pesquisas tradicionais envolvendo o romântico ou mesmo o folclórico. Por esses motivos os estudos e as pesquisas sobre os diversos gêneros da música popular urbana continuaram restritos ao universo da crítica externa à História, sendo realizados tradicionalmente por jornalistas, escritores e amadores amantes das artes e da literatura, portanto, distantes das universidades e das investigações acadêmicas especializadas na escrita da história.

Contudo, outros apuros passados por quem trabalha sob o campo da música é a própria dificuldade de se ver reconhecido seu trabalho enquanto parte de um discurso científico, a História da Música, especialmente de ritmos advindos das classes marginalizadas e ainda não apropriados pelo campo elitista, não é levada a sério. E, por meio disso, muitos pesquisadores vem procurando não desistir de seus trabalhos, mas tal qual nosso rap Djonga, enfrentar as adversidades e buscar mudar esse cenário.

> Um dos obstáculos gerais colocados às investigações no campo da música é a dificuldade em circunscrevê-la como uma "disciplina" voltada claramente para a produção do conhecimento. Algumas discussões e debates internos na área da musicologia têm procurado ressaltar a condição da música como um objeto do conhecimento, estabelecendo, assim, a distinção – se é possível mesmo fixar tal distinção! - entre "o fazer ciência e o fazer arte".[39]

Com isso, a autora busca nesse trabalho procurar trazer e mostrar a importância da história, social e cultural por meio da música.

> "A discussão aponta para a possibilidade e, principalmente, a viabilidade do historiador tratar a música e a canção popular como uma fonte documental importante para mapear e desvendar zonas obscuras da história, sobretudo àquelas relacionadas com os setores subalternos e populares".[40]

Além disso, "a canção é uma expressão artística que contém um forte poder de comunicação, principalmente, quando se difunde pelo universo urbano, alcançando ampla dimensão da realidade social". [41] Ademais, as letras serão analisadas metodologicamente com o apoio de levantamentos bibliográficos de intelectuais como Silvio Luiz de Almeida, Franz Fanon, Adilson Moreira, Djamila Ribeiro, Achille Mbembe, Edward Telles entre outros intelectuais de diversas áreas, como filósofos, sociólogos, historiadores, entre outros. Por meio disso, planeja-se problematizar e discutir o que o rapper Djonga procura abordar,

[39] MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música**: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, ed. nº 39, p. 203-221. ano 2000, p. 209.
[40] Ibid, p. 203.
[41] Ibid.

problematizar e discutir por meio de suas músicas. E de como a sua mensagem é importante para a sociedade brasileira.

A autora acredita que pelo fato de Djonga ter cursado história, isso venha a ter influenciado na hora de compor suas rimas, o seu conhecimento em diversos assuntos é bem amplo, assuntos esses tais como: racismo, política, desigualdade racial e social, classe social, necropolítica, entres outros. Nesse capitulo, serão analisadas três músicas do Djonga, lançadas no recorte temporal de 2017 a 2019, sendo estas intituladas: *Olho de tigre*, *Corre* e *Hat trick*.

ÁLBUM	MÚSICA	ANO
SINGLE	OLHO DE TIGRE	2017
O MENINO QUE QUERIA SER DEUS	CORRA	2018
LADRÃO	HAT-TRICK	2019

Entretanto, no presente estudo, foram ouvidos todos os álbuns do Djonga conhecidos publicamente, nessa mesma linha de estudos, assistidos a variadas entrevistas com a participação do cantor, depoimentos estes encontrados nas mais diversas plataformas digitais, dentre elas o *YouTube.com*.

Tal imersão na trajetória cultural do nosso sujeito possibilitou entender o contexto da construção dos seus raps e a história por trás de cada álbum lançado com seu nome. Faz-se uso também de outras páginas da internet, que trazem informações, críticas e falas do próprio Djonga, para que o objetivo da pesquisa venha a ser alcançado. Páginas como: *Letras,*[42] *Spotify* [43] e *Vagalume,* [44] o acesso a esses portais digitais serviu como suporte a compreensão tanto de suas performances e construções identitárias, como a pensar as estruturas das rimas em suas músicas.

> A música, uma das formas pelas quais os indivíduos buscam (re)significar a realidade social, faz parte de uma totalidade que inclui uma série de manifestações socioculturais capazes de demonstrar determinada realidade histórica. Em relação à historiografia tradicional, sua diferença reside no fato de ela não estabelecer significados fixos, imutáveis, alheios às transformações externas. Pelo contrário, a música permite as mais diversas interpretações, geradas pelas diferentes relações que os diferentes indivíduos estabelecem entre si e com a sociedade da qual fazem parte. Leituras singulares de uma obra coletiva [45]

[42] https://www.letras.mus.br/
[43] https://www.spotify.com/br/
[44] https://www.vagalume.com.br/
[45] SANTOS, THAIS dos. **"Será que eles veem em nós um marginal padrão?":** uma discussão sobre rap e reconhecimento. Orientador: Profª. Dra. Rayza Sarmento. 2019. 35 p. Monografia (Bacharelado) - Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais, 2019.

3.1 Olho de Tigre

A primeira música a ser analisada é um *single*, ou seja, uma espécie de canção sem álbum, do ano de 2017, que se chama *Olho de tigre*. Umas das canções mais famosas do rapper Djonga. Ela trata de diversos temas como: racismo, machismo e fascismo no Brasil contemporâneo, chegando a ser considerada um "hino da juventude negra brasileira". *Olho de tigre* traz uma fúria em suas rimas, fúria essa que simboliza o jovem marginalizado da periferia, que cresce sem muitas oportunidades e sob estereótipos acerca de suas raízes. O seu refrão é único, memorável e impactante, sendo utilizado em muitos protestos por jovens negros de todo o país. Vamos à análise mais direta:

Um boy branco, me pediu um high five
Confundi com um *Heil*, Hitler
Quem tem minha cor é ladrão
Quem tem a cor de Eric Clapton é cleptomaníaco
Na hora do julgamento, Deus é preto e brasileiro
E pra salvar o país, cristão, ex-militar
Que acha que mulher reunida é puteiro
Machista 'tá osso
E até eu que sou cachorro não consigo mais roer
E esse castelo vai ruir, e eles são fracos, vão chorar até se não doer
Não queremos ser o futuro, somos o presente
Na chamada a professora diz, "Pantera Negra"
Eu respondo, "Presente"
Morreu mais um no seu bairro
E você preocupado com a buceta branca
Gritando com a preta, "Sou eu quem te banca!"
Assustando ela, "Sou eu quem te espanca!"
Mais que um *beck* bom
Profissão nenhuma exige que analise pernas
Sustentar família exige que tu faça planos
Dizem que sou frio, duro como uma pedra
Rasgam fácil, parecem feitos de pano
'Tô olhando da janela, sociedade escrota
Caras que pagam de macho com o pau boca
Bando de pau no cu
Bando de pau no cu!
Nesse quesito serão premiados
Hors Concours
'Tô crítico igual cartoon do *Henfil*
Com esses Danilo Gentili eu não vou ser gentil
Te informando, *Jornal Nacional*
Talvez por isso que me chamam de sensacional
Tenho sido tão verdadeiro
Que prefiro não usar ouro, e não ser falso em nada
Tem quem fica a ver navios
E tem quem chega longe de jangada

Sensação, sensacional
Sensação, sensacional
Sensação, sensacional
Firma, firma, firma
Fogo nos racista
Sensacional
E sensação, sensacional
Sensação, sensacional
Firma, firma, firma
Fogo nos racista
Falam tanto de Deus e diabo
É que vocês só enxergam 2D
Dominei as peças do dominó
Cantando em dó menor pra ser o sol maior
Um artista versátil
Portando Versace
Mas se quiser versar aqui
Não importa seu kit
Moleques fumando pedra
Nós só lançando pedrada
Consuma dos nossos craques
Pra ver que crack num é nada
É que tudo acaba em pizza
A massa condicionada
Nas bordas e sem recheio
Mas creio que um dia passa
Não sei o que é rap game
Deve ser mais um videogame que eu não pude ter
Meio que 'tá no ar
Coisas que não se podem ver
Estranho
Tipo gente de pele clara se chamando de nigga
Eles me lembram Vikings
Eu 'tô lembrando Tiga
Melhor *Tyga, eye of tiger*
Estamos de olho
Eye of tiger, eye of tiger, eu sigo de olho
Olha eu olhando pros fascista
Igual Floyd olha pro McGregor
Se num entendeu o que eu tô falando
Eu devo 'tá falando grego, ó
Sou reflexo da sociedade, reflexo virou matéria
Os preto 'tá tão no topo
Que pra abater só um caça da Força Aérea
Seu time cometeu falta grave
Nós resolve no tapa
E meu disco é a prova
Que se pode julgar o livro pela capa
Sensação, sensacional
Sensação, sensacional (ei)
Sensação, sensacional
Firma, firma, firma
Fogo nos racista

> Sensacional
> E sensação, sensacional
> Sensação, sensacional
> Firma, firma, firma
> Fogo nos racista
> *Compositores: Gustavo Pereira Marques*
> *Letra de Olho de Tigre © Warner Chappell Music, Inc*

Já na primeira estrofe, Djonga, vem com uma rima forte, tratando de racismo e discriminação racial:

> Um boy branco, me pediu um *high five*[46].
> Confundi com um *Heil*, Hitler.
> Quem tem minha cor é ladrão.
> Quem tem a cor de Eric Clapton é cleptomaníaco.

Já na primeira frase Djonga deixa bem claro que tem medo quando pessoas brancas vem o cumprimenta-lo. Dando a entender que o rapper carrega traumas de micro agressões, ou, agressões explícitas vindas de pessoas brancas, então ele carrega esse receio de pessoas brancas falando com ele.

Em seguida, ele completa a frase "quem tem minha cor é ladrão" e "quem ter a cor de Eric Claprton é cleptomaníaco". Eric Claprton é o ex-Guitarrista da banda Cream, da Inglaterra, bastante polêmico e já fez declarações racista em um show em 1976. Em seguida, o Djonga continua fazendo uma crítica ao racismo. Nesse trecho, em especifico, ele fala que quem tem a cor negra é ladrão, quando é um branco é chamado de cleptomaníaco,[47] ou seja, o Djonga traz, que quando o branco é pego roubando não consideram nem crime, além da possibilidade de pensarem em um transtorno psicológico que explicaria a conduta, essa é a forma como o sistema e a mídia tratam os sujeitos, as pessoas deixam passar, enquanto o branco "erra", o negro já é logo "crucificado", sem julgamento, sem direito a defesa, o trame jurídico é meramente formalidade a ser cumprida.

Continuando a música ele vem com o seguinte verso: "Na hora do julgamento, / Deus é preto e brasileiro. E pra salvar o país, / cristão, ex-militar. Que acha que mulher reunida / é puteiro. Machista, tá osso". Nessa parte da música o cantor faz uma referência aos "cidadãos de bem", a exemplo dos eleitores do atual presidente brasileiro, Jair Messias Bolsonaro. Onde esses eleitores se dizem ser cristãos e elegem um ex-militar, que não respeita ninguém, nem mesmo o seu país. Em seguida, mostra a indignação do cantor ao machismo do presidente, a sua aversão à participação ativa das mulheres brasileiras no meio público.

---

[46] Do termo inglês significa: "Toca aqui".
[47] Um transtorno de controle de impulsos que resulta em um impulso irresistível de rouba.

Seguindo a análise, o rapper agora vai trazer palavras de representatividade negra, “Não queremos ser o futuro, somos o presente”. Na chamada a professora diz: “Pantera Negra. Eu respondo: Presente!”. O Djonga transparece assim querer passar a ideia de que a luta do movimento negro tem que ser agora, no presente e não em futuro que parece nunca chegar.

Subsequente, ele faz referência aos “Panteras Negras”, que se tornaram um símbolo de resistência e representatividade do movimento negro. “Ao pensar a negritude, Aimé Césaire escreve que o negro deve valorizar sua cultura e memória, invertendo a desvalorização do seu ser feita pela branquitude, assumindo um orgulho diante dessa identificação”.[48]

Contundo, agora falaremos sobre a parte principal da música que é o refrão, como já foi citado mais a cima. O seu refrão é único, memorável e impactante. Uma rima que contem dor, revolta e esperança.

> Sensação, sensacional
> Sensação, sensacional
> Sensação, sensacional
> Firma, firma, firma
> Fogo nos racista.

Essa parte principal da música, que é o refrão, na qual no final o Djonga fala “fogo nos racistas” como forma de protesto e indignação, frase essa que ficou bastante famosa e conhecida nas mídias e nas redes sociais em primazia, sendo utilizado como forma de expressão em protestos pelo país. O rapper Djonga em entrevista ao site *Genius*, fala um pouco sobre a música e o refrão impactante:

> **Entrevistador:[GB] No dia 25 de Julho, a faixa “Olho de Tigre”, lançada no quadro Perfil da Pineapple, completa 3 anos e provavelmente é a faixa mais conhecida e adorada pelos fãs. Ela traz a emblemática frase: "fogo nos racistas". Você esperava que essa faixa fosse se tornar tão popular por todo o país? E por que você acha que ela alcançou todo esse sucesso?**
> [Djonga] Quando eu escrevi ela [“Olho de Tigre”] pensei muito no poder que eu tinha por estar naquele espaço, um canal [PineappleStormTV] com muita visualização e no alcance que aquilo ali iria gerar. Pensei em fazer uma parada que ao mesmo tempo fosse uma tiração de onda, mas que abordasse os temas que eu abordo desde sempre, tá ligado? Para mim são temas relevantes e importantes pro momento que a gente vive. Quando eu fiz aquele refrão, eu senti que aquilo era uma parada que tinha que ser falada daquela forma por ser algo muito maior que eu. [...]. E o sucesso é devido ao que significa [fogo nos racista] no contexto que a gente vive, sacou? Coisas que são muito reais e diretas batem no coração das pessoas. E, além disso também é verdadeiro e direto, está em tudo que a gente vive e tem vivido nos últimos anos. Tantas mortes de criança e de jovens negros que vem acontecendo há muito tempo, não só agora. Aquele grito “fogo nos racistas” vem de um acúmulo

[48] SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020.

> de frustração, tristeza e raiva por tudo que o racismo causa e a consciência que isso traz. É por isso que aquele grito impacta tanto até hoje. [49]

O racismo ainda está muito presente em nossa sociedade e isso é visível, dentre outras diversas formas, por meio da música analisada, o rapper, quis mostrar sua indignação e frustação com os casos de racismo no Brasil e no mundo em si, mas também, não podemos deixar de notar que a letra contém um sentimento de esperança, uma luta que não deixa de acreditar em um futuro melhor. Para avançarmos na necessidade de "criar novas configurações de poder e de conhecimento", "as manifestações culturais negras, dentre elas a cultura hip-hop, é um dos eixos fundamentais para o questionamento das estruturas de poder e dominação e, também, para a produção de reconhecimento e autonomia".[50] Em seguida analisaremos a música *Corra* do ano de 2018.

3.2 Corra

Nesse sentido, a próxima música a ser analisa é a canção chamada *Corra* nesta produção Djonga traz fortes debates sobre discriminação racial e social, resistência e lutas raciais. Vejamos sua letra:

> Amor, olha o que fizeram com nosso povo
> Amor, esse é o sangue da nossa gente
> Amor, olha a revolta do nosso povo
> Eu vou, juro que hoje eu vou ser diferente
> Éramos milhões, até que vieram vilões
> O ataque nosso não bastou
> Fui de bastão, eles tinham a pólvora
> Vi meu povo se apavorar
> E às vezes eu sinto que nada que eu tente fazer vai mudar
> Auto estima é tipo confiança, só se quebra uma vez
> Tô juntando os cacos, não Barcelos, nem Antibes
> Sou antigo na arte de nascer das cinza
> Tanto quanto um bom motorista é na arte de fazer baliza
> Eu tô na arte de fazer...
> Eles são a resposta pra fome
> Eles são o revólver que aponta
> Vocês são a resposta porque tanto
> Einstein no morro morre e não desponta
> Vocês são o meu medo na noite
> Vocês são mentira bem contada
> Vocês são a porra do sistema que vê

[49] Disponível em: https://genius.com/Genius-brasil-faixa-iconica-olho-de-tigre-do-djonga-annotated. Acesso em: 24 nov. 2021, grifo nosso.

[50] SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020, p. 04.

Mãe sofrendo e faz virar piada, porra
Eu vi os menor pegando em arma, pois cês foram silenciadores
Eu vi meu pai chorando o desemprego, desespero
Pra que isso, mano?
Eu não quero vida de pizzaiolo, e sim ser dono da pizzaria
Querem que eu me contente com nada
Sem meu povo o tudo não existiria
Eu disse: "Óh como cê chega na minha terra"
Ele responde: "Quem disse que a terra é sua?"
Ô ô ô ô ô ô ô
Ô ô ô ô ô ô ô
Aquela noite eu te ensinei coisas sobre o amor
Durante o dia eu só tinha vivido o ódio
Deus me deu o frio e não me deu o cobertor
Perdão Senhor, mas na pista eu só vejo sódio
Se pá são a causa da seca, e da cerca que nos separa
Depois nos acusam de tá dividindo demais
Já se apropriaram de tudo
Minha mente me diz: "get out, Gustavo, corra!"
Você sabe o mal que isso faz
Pra eles nota seis é muito
Pra nóis nota dez ainda é pouco
Pros meus qualquer grana é o mundo
Pros deles qualquer grana é troco
E eu tô errado antes de fazer, defasar é o prazer
De quem tá com o controle do game
Não treme, não geme, se cala vadia
Aqui é a porra do senhor de engenho
Eu sou tudo, eu sou vídeo, eu sou foto, eu sou frame
Tem que se vender pra mim se tu quiser um Grammy
Sou a morte, o diabo, o capeta
A careta que te assombra quando fecha o olho
Enquanto eles gozam com o choro
Existirei pra fazer tu sorrir, amor
Sou seu colete à prova de balas
Seu ouvido à prova de falas
Eu vou tomar nosso mundo de volta
Amor, olha o que fizeram com nosso povo
Amor, esse é o sangue da nossa gente
Amor, olha a revolta do nosso povo
Eu vou, juro que hoje eu vou ser diferente

Compositores: Paige / Djonga / Paulo Alexandre De Almeida Santos / Ana Barbara Andrade Paixao. Letra de CORRA © A Macaco Industria Criativa Eireli, Ceia Ent. Producoes Artisticas E Editoriais L.

A primeira discussão vai ser acerca do próprio título da música, que é *Corra*. Aqui o rapper quis fazer uma referência ao filme *Get Out*, filme de terror psicológico do ano de 2017 que foi indicado ao *Oscar* por diversas categorias, sendo que uma delas foi a de “Melhor

filme", chegando a vencer na chamada de "Melhor roteiro original". A segunda análise será dos primeiros versos da música e quem também faz parte refrão:

> Amor olha o que fizeram com nosso povo
> Amor, esse é o sangue da nossa gente
> Amor, olha a revolta do nosso povo
> Eu vou, juro que hoje eu vou ser diferente.

Este é um trecho que fica bem no início da canção e deixa bem claro sua intenção, que enxergamos como: uma manifestação de revolta e dor do rapper Djonga, ao genocídio vivido pela população negra. Em seguida, o mesmo traz a revolta dele sobre tudo que o povo negro teve que aguentar e ainda sofrem, por uma história de preconceito e discriminação racial carregada por muitos séculos e que é sustentada pelas pessoas brancas. Nesse momento, chamaremos a atenção com mais profundidade acerca dos raciais. "Portanto, o conceito de raça é produto de um processo de atribuição de significados que expressa o poder de grupos majoritários de construir sentidos que corroboram relações raciais hierárquicas".[51]

Resumindo, o conceito de raça foi criado por pessoas brancas para permanecerem no poder. Com isso, criando assim um controle de hierarquias raciais. Por meio disso, o branco controla tudo a partir do preconceito, da discriminação, das micro agressões, micro insultos, micro invalidações e até mesmo do controle do dispositivo da morte. [52]

E, quem sustenta essa "utopia do branco" e de sua suposta superioridade, é a própria cultura e a mídia, pois esses meios sociais reforçam os privilégios das pessoas brancas, criando desde padrões de beleza, onde se marginaliza traços da herança negra, como nas formas de tratamento carregadas de preconceitos. "A convicção de superioridade racial é produto direto da transformação dos membros do grupo racial dominante como referência cultural, como referência estética, como referência de superioridade moral, de superioridade intelectual, de superioridade sexual e de superioridade de classe.[53]

Portanto, a convicção de superioridade racial vem porque o branco e suas "características próprias", são utilizados como referência, modelo a ser seguido, em tudo. "Esse é um dos motivos principais pelos quais pessoas brancas se sentem psicologicamente motivadas a proferirem injúrias raciais contra negros: representações culturais que sustentam

---

[51] Moreira, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).
[52] Ibid., p. 25.
[53] Ibid., p. 232.

seus privilégios constroem pessoas negras como o oposto das qualidades positivas associadas às pessoas brancas".[54]

A terceira análise parte da referência ao tráfico negreiro:

> Éramos milhões, até que vieram vilões. O ataque nosso não bastou.
> Fui de bastão, eles tinham a pólvora. Vi meu povo se apavora.
> E às vezes eu sinto que nada que eu tente fazer vai mudar.
> Autoestima é tipo confiança, só se quebra uma vez.

O cantor fala "Éramos milhões, até que vieram vilões." Aqui ele se refere aos colonizadores portugueses chegando ao continente Africano, ele está tratando sobre o trafico negreiro de milhares de africanos que foram arrancados do seu continente, de seus países, de seu povo. Eram povos que viviam bem com suas culturas, religiões. Mas que foram arrancados à força e sequestrados pelos europeus e trazidos para as Américas. Em seguida o cantor diz: "O ataque nosso não bastou". Porque houve resistência, houve luta, houve um combate entre os africanos e os colonizadores.

"Fui de bastão, eles tinham a pólvora"; "Vi meu povo se apavorar", aqui fala de uma forma de resistência do povo negro, lutando contra a escravidão, lutando contra os europeus comerciantes de escravos, contra os fazendeiros ao chegarem no Brasil, contra os abusos e explorações que sofreram, mas os brancos tinham pólvora e eles apenas o bastão então mostra que o branco venceu essa batalha.

Por fim, partido para a última análise do álbum, aqui o Djonga traz a ideia de que as pessoas brancas acham que negro não pode ter nada, que negro não pode ser chefe, que tem que ser somente funcionário, o branco enxerga o negro como incapaz.

"Eu não quero vida de pizzaiolo, e sim ser dono da pizzaria. Querem que eu me /contente com nada. Sem meu povo o tudo não existiria".

> É o seguinte: a associação da negritude com elementos negativos e a associação da branquitude com elementos positivos permite que as pessoas brancas sejam representadas como sujeitos superiores e também os únicos capazes de atuar de forma competente na esfera pública. Isso significa que a identidade racial branca é um lugar de poder social e também um mecanismo de reprodução de relações raciais hierárquicas. Mais do que uma mera designação racial, ela indica um lugar de privilégio em função do pertencimento ao grupo racial dominante. Se, de um lado, estereótipos raciais afirmam uma suposta inferioridade de pessoas negras, de outro, eles reproduzem a noção de que brancos são inerentemente superiores.[55]

[54] MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
[55] Ibid., p. 26.

No Brasil, assim como no mundo, a discriminação atravessa diversos campos da esfera social, sendo um dos mais marcantes, a vigente no mercado de trabalho, em que se contrata e despedem pessoas, muitas das vezes, a partir de estereótipos raciais e de gênero, logo, ser negra e mulher é um exemplo claro do perfil desprestigiado pelo mercado ao longo do tempo. Mas o racismo, o preconceito, não para por aí, há também a própria desigualdade racial na distribuição de renda no Brasil, isso é bem comum, dessa forma, não se afeta apenas as "vagas", mas também o que se oferece por esse serviço, entre outras possibilidades de exemplificar as raízes de um preconceito secular.

> O grau de desigualdade racial depende, em grande parte, da distribuição de renda em termos gerais, ainda que uma larga diferença de ganhos não signifique, automaticamente, uma elevada desigualdade racial. Dependerá também de como esta distribuição de renda é estruturada para brancos, pardos e pretos. Ainda assim, as diferenças na renda entre os grupos raciais se intensificam em países como o Brasil, simplesmente em razão da elevada desigualdade estrutural. (TELLES, 2003. p. 186)[56]
> (REPORTAGEM 1)
>
> Em 2019, o salário médio de trabalhadores negros foi 45% menor do que do que o dos brancos, de acordo com a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A mesma pesquisa mostra que entre as mulheres negras a situação é pior ainda. A média salarial para elas chegou a ser a 70% menor do que das mulheres brancas.
> E não importa o grau de escolaridade, mesmo negros com curso superior ganham menos que os brancos. De acordo com uma pesquisa do Instituto Locomotiva, o salário médio de homens não negros com ensino superior em 2019 ficou em R$ 7.033,00, enquanto o dos negros ficou em R$ 4.834,00, uma diferença de 31% a menos.[57]
>
> Os homens brancos estão no topo da pirâmide dos maiores rendimentos. Para cada R$ 1.000 recebidos por esse grupo, são pagos R$ 758 para mulheres brancas, R$ 561 para homens pretos ou pardos e R$ 444 para mulheres pretas ou pardas .O diferencial de salário por cor ou raça, diz o IBGE, é maior do que o por sexo. Isso é explicado, segundo o instituto, por fatores como segregação ocupacional, oportunidades educacionais e remunerações inferiores em ocupações semelhantes.
> A renda média mensal do brasileiro branco, seja ele trabalhador formal ou informal, é de R$ 2.796. Entre os pretos e pardos, é de R$ 1.608, segundo dados de 2018. Proporcionalmente, para cada R$ 1.000 pago a uma pessoa branca, paga-se R$ 575 para um trabalhador preto ou pardo.[58]

---

[56] TELLES, Edward Eric. **Racismo á brasileira: uma nova perspectiva sociológica**/ Edward Eric Telles/ tradução Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. - Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003. p. 186.

[57] RACISMO estrutural segrega negros no mercado de trabalho: Dados mostram que salários de trabalhadores negros são menores que dos brancos e eles ocupam postos mais precarizados e sem proteção social. "Herança da escravidão", afirma dirigente da CUT. São Paulo, 20 nov. 2020. Disponível em: https://www.cut.org.br/noticias/racismo-estrutural-segrega-negros-no-mercado-de-trabalho-548e. Acesso em: 8 maio 2022.

[58] BRANCOS têm renda 74% superior à de pretos e pardos, diz IBGE: Estudo 'Desigualdades Sociais por Cor ou Raça' mostra que desvantagem não se altera nos últimos anos. [*S. l.*], 13 nov. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/brancos-tem-renda-74-superior-a-de-pretos-e-pardos-diz-ibge.shtml#_=_. Acesso em: 8 maio 2022.

Entretanto, isso faz com que a pobreza aumente ainda mais. Pois é muito mais lógica que negros vivam onde o custo de vida seja mais baixo em função de tais desigualdades, nesse caso nas favelas e nas periferias, espaço na qual nosso rapper nasce e produz seus discursos. Essa pobreza também se reflete no campo da educação, pessoas com condições financeiras mais bastadas, pela própria lógica capitalista, tendem a ter um melhor ensino e no mercado de trabalho isso conta bastante, um bom emprego, uma boa renumeração, aumentando mais ainda mais a riqueza e privilégios das pessoas brancas. Afetando assim a condição de vida dos brasileiros negros.

Sendo assim como "provas da existência de barreiras invisíveis que impedem a entrada dos negros na classe média",[59] escreve a autora Neusa Santos Souza, se voltando a pensar acerca de tais questões. Esta, levanta tal ideia de provas das chamadas "barreiras invisíveis" pois compreende que ainda que o negro/negra tenha capital econômico e acesso a bens simbólicos e culturais dominantes, o racismo não deixa de operar em sua realidade e mostra a ilusão de achar que a ascensão econômica elimina os marcadores de distinção.[60] Ou seja, o trecho reforça que por mais que as pessoas negras tenham dinheiro, estudo e outros bens simbólicos, estes, sem uma mudança social/cultural efetiva, nunca vai ser tratado de forma igualitária ao branco, o racismo mesmo sem distinções no campo prático, opera como um fantasma impondo limites, distinções no campo simbólico.

Por fim, o rapper Djonga finaliza dizendo: "Sem meu povo o tudo não existiria". Frase bem marcante. Começando pelo berço da humanidade se iniciou no continente africano. Os africanos que foram traficados e escravizados levados para a Europa e para as Américas eles foram o berço de tudo que temos hoje, tanto na cultura, como na religião, entre outros aspectos. "São formas de pensar a raça, identidade e a sociedade para além das representações construídas e reproduzidas pela branquitude, pois colocasse a experiência negra no centro da história contada e vivida pelos sujeitos históricos".[61]

3.3 *Hat-Trick*

Terceiro álbum do Djonga lançado em 13 de março de 2019. A música a ser analisada desse álbum se chama *Hat-Trick.* O significado vem de quando uma coisa ocorre

[59]TELLES, Edward Eric. **Racismo á brasileira: uma nova perspectiva sociológica**/ Edward Eric Telles/ tradução Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. - Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Ford, 2003. p. 256.

[60]SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020, p. 20.

[61] Ibid., p. 04.

sucessivamente por três vezes. Nesse caso ele está fazendo uma referência a data de lançamento dos seus álbuns, todos os três lançados em 13 de março, sendo todos estes um grande sucesso comercial.

Falo o que tem que ser dito
Pronto pra morrer de pé
Pro meu filho não viver de joelho
Cê não sabe o que é acordar com a responsa
Que pros menor daqui eu sou espelho
Cada vez mais objetivo
Pra que minhas irmãs deixem de ser objeto
E parece que liberaram o preconceito
Pelo menos antigamente esses cuzão era discreto
Três ano, três grandes obra
E ninguém sabe o que tava pegando lá em casa
Então lave a boca pra falar de mim
O que me fez chorar não foi a morte do Mufasa
Eu sou a volta por cima
Uma explosão em expansão igual o *Big Bang*
Eu sou um moleque igual esses outros moleque
Que a única diferença é que não esquece de onde vem
Eu peço bênção pra sair e pra chegar
Não canto de galo nem no meu terreiro
Honra com os adversários, na luta
Porra, eu sou filho de São Jorge, guerreiro
Mente fria, sangue quente
Paralisam do meu lado, choque térmico
Quando saí, prometi que não voltava com menos que o mundo
Tá aí, mãe, o que cê quer, pô?
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Me considero assim
Pois só ando entre reis e rainhas
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Me considero assim
Porque eu fiz geral enxergar em 3D
Deus, o Diabo e Djonga, pô
Bitch! Please, não rouba minha onda
Que os mesmo 90 minutos
Não te faz suar igual quem joga e tem raça
Da terra onde nada vira
Um mano do nada vira a maior referência de um jogo
Onde saber quem joga mais vale mais do que pôr comida no prato
Dinheiro é bom
Melhor ainda é se orgulhar de como tu conquistou ele
Aquelas coisas, né, o que se aprende no caminho importa mais do que a chegada
Isso te faz seguir real
Igual um filme de terror na direção de Jordan Peele
Aquelas coisa, né, quem vai com muita sede ao pote tá sempre queimando largada
É pra nós ter autonomia
Não compre corrente, abra um negócio
Parece que eu tô tirando
Mas na real tô te chamando pra ser sócio
Pensa bem
Tirar seus irmão da lama

Sua coroa larga o trampo
Ou tu vai ser mais um preto
Que passou a vida em branco?
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Me considero assim
Pois só ando entre reis e rainhas
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Abram alas pro rei, ô
Me considero assim
Pois só ando entre reis e
Lanço aqueles sons
Que você arrepia toda vez que ouve
Olha os *playboy* gritando que o Djonga é o mais OG
Poupe-me, poupe-me
Me desculpa aí
Mas não compro seu processo de embranquecimento de MC
Eu sigo falando o que vejo
Tem uns irmão que tá falando o que essa mídia quer ouvir
Alguns portais nem me citam
É que eu já ultrapassei, pô!
Competições pra ganhar do bonde
Não sejam tão trapaceiros
Perca pra um grande adversário
Não pra sua incompetência
Um castelo de areia não suporta o tsunami
Ponha a mão na consciência
E dizem que união de preto é quadrilha
Pra mim é tipo um santuário
Quem pensa diferente, sanatório
Se junta Brown e Negra Li temos um relicário
Num é porque agora eu tô de tênis
Mas a real que deixei vários no chinelo
A real é que mostramos o que era bom
Pra uma estrutura que tava sem critério
Nas Favela do Brasa, é tudo nosso
Entre o bem e o mal, é tudo nosso
É tudo nosso, é tudo nosso
E tem os irmão que é só negócio
Fala que a voz dos preto é tudo nosso
E na paz ou na guerra, é tudo nosso
É tudo nosso, é tudo nosso
E quem tá contra tá mandado
O dedo
Desde pequeno geral te aponta o dedo
No olhar da madame eu consigo sentir o medo
Cê cresce achando que cê é pior que eles
Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
Ladrão
Então peguemos de volta o que nos foi tirado
Mano, ou você faz isso ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam sangrado
De onde eu vim, quase todos dependem de mim
Todos temendo meu não, todos esperam meu sim
Do alto do morro, rezam pela minha vida
Do alto do prédio, pelo meu fim
Ladrão
No olhar de uma mãe eu consigo entender o que pega com o irmão
Tia, vou resolver seu problema

Eu faço isso da forma mais honesta
E ainda assim vão me chamar de ladrão
Ladrão
Produção Musical: Coyote Beatz Co-Produção Musical: Thiago Braga.

A última análise do capítulo foca-se especialmente nos últimos trechos da música. “O dedo/ Desde pequeno geral te aponta o dedo/ No olhar da madame eu consigo sentir o medo/ Cê cresce achando que cê é pior que eles / Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo”. O Djonga fala do racismo que sofre só pelo olhar das pessoas, de como as pessoas olham pra ele, um olhar que varia entre desprezo, medo, nojo, um olhar que não é novidade ao longo dos séculos, apesar de cruel. Tais reações que podem ser sentidas até “pelo olhar” do outro, são produzidas e reproduzidas, principalmente, pessoas da classe social abastada, pela chamada elite social. Quando ele fala “No olhar da madame eu consigo sentir o medo”. Só nessa frase, segundo o Adilson Moreira,[62] isso se caracteriza em dois tipos de racismo são muito comuns na sociedade, sendo estes: o “racismo aversivo” e o “racismo simbólico”.

No racismo aversivo:

> **O racismo aversivo** ocorre principalmente pela expressão de preconceitos sutis, mas persistentes, que indicam o desprazer na interação social com negros, motivo pelo qual pessoas brancas tentam evitar contato com eles ou os tratam com o devido distanciamento social. Os racistas aversivos tratam minorias raciais de maneira cordial, mas essa interação não tem um caráter espontâneo, sendo meramente circunstancial.[63]

O racismo aversivo é aquele racismo que a pessoa coloca como racista, possui uma clara ideia de superioridade para com o outro, apesar de uma dada interação “cordial”. Este, se mostra mais predominante em espaços onde as pessoas tem de "suportar" conviver ou ficar no mesmo ambiente com uma pessoa negra ou muitas delas nem mesmo isso. Já o segundo racismo ele é perceptível. Nesse relato que Djonga faz em sua rima. É o racismo simbólico.

> **Racismo simbólico**, movimento responsável pela diferenciação de status cultural entre grupos raciais. A negritude está ligada a uma série infinita de significações de caráter negativo do qual as pessoas procuram se afastar. As associações da negritude com a escuridão, com a falta de caráter e com a degradação moral estruturam a atitude de desagrado que pessoas brancas sentem em relação a negros.[64]

Quando o Djonga fala “No olhar da madame eu consigo sentir o medo”, no racismo simbólico, isso quer dizer que esse tipo de racismo está ligado a pessoas que pensam, por exemplo, “que todo negro é bandido”, simplesmente por ser negro. Esse tipo de racismo

[62] MOREIRA, Adilson. Racismo recreativo / Adilson Moreira. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).
[63] Ibid. p. 22, grifo nosso.
[64] Ibid. p.23, grifo nosso.

associa o negro só ao que é ruim. Continuando a analise ele diz: “Cê cresce achando que cê é pior que eles”; “Irmão, quem te roubou te chama de ladrão desde cedo”.

Djonga falando do preconceito racial que a sociedade impõe sobre quem é preto, onde desde cedo as crianças crescem achando que o branco é melhor que eles. Em seguida, o rapper fala do “roubo”, nesse caso, da liberdade e do direito de igualdade que a sociedade tirou e continua a suprimir do preto, que foi roubado desde cedo e depois ainda o chamam de ladrão.

Assim, podemos lembrar-nos do próprio Frantz Fanon, quando este diz: “No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem ‘um longo passado histórico’. Provavelmente aqui está a origem dos esforços dos negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra”.[65] O autor traz aqui a ideia de que o opressor imagina o oprimido como um nada, um ninguém, sem cultura, sem raça, sem família, sem estudo, sem até mesmo uma história, o opressor enxerga o negro como uma pessoa sem valor, sem significância, o que justificaria a escravidão e suas consequências que se arrastam a contemporaneidade. Através das Fanon e das rimas de Djonga, temos uma boa síntese de como o opressor branco vê o negro, historicamente.

[65] FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.

4 ANÁLISE ICONOGRÁFICA

As imagens carregam muitas informações, evidências históricas, porém, elas também apresentam suas fragilidades e intencionalidades por trás de sua aparência, por isso não podem ser usadas somente como ilustração, deve-se ter em mente a inclusão de outros documentos para assim ampliar a leitura e o entendimento sobre os sentidos que a fonte nos apresenta, os objetivos que são matizados na construção desta e a mensagem que se quer passar. Essa linguagem tem o potencial de permitir ao leitor o diálogo com outras temporalidades históricas, além de permitir análise crítica, participativa e motivadora no processo de constituição do conhecimento histórico social e cultural.

Ademais, mostrasse fundamental compreender o contexto de produção da fonte em estudo, atentando por exemplo para quem a produziu e para o que se produz determinada imagem, pois só assim será possível realizar uma investigação iconográfica significativa.

> "Nesse sentido, independente da imagem que nos é apresentada, saber efetivamente elaborar uma leitura do material visual considerando o conceito de representação, permitirá adentrar no campo imagético e ampliar a leitura sobre a realidade. Esta não exclui a linguagem escrita e vice-versa, pois ambas se complementam".[66]

As imagens também podem proporcionar o reconhecimento e o prazer por parte dos espectadores, a ideia de pertencimento diante a imagem, se vê dentro dela.

> Ou seja, de modo geral o trabalho do reconhecimento aciona não só as propriedades "elementares" do sistema visual, mas também capacidades de codificação já bastante abstratas: reconhecer não é constatar uma similitude ponto a ponto, e achar invariantes da visão, já estruturados, para alguns, como espécies de grandes formas. Prazer do reconhecimento: reconhecer o mundo visual em uma imagem pode ser útil, além de proporcionar também um prazer especifico. Está fora de dúvida que uma das razoes essenciais do desenvolvimento da arte representativa, naturalista ou menos naturalista, resulta da satisfação psicológica pressuposta pelo fato de "reencontrar" uma experiência visual em uma imagem, sob forma ao mesmo tempo repetitiva, condensada e dominável.[67]

Quem vai trabalhar com a iconografia deve ter alguns trabalhos na hora da pesquisa. Segundo Cecatto (2013), "alguns cuidados são fundamentais com a leitura de iconografias, pois nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva e exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa." O que o autor está querendo destacar é que a imagem ela pode ser interpretada de diversas maneiras, cada pessoa, incluindo o próprio artista, vai olhar e vai ter uma impressão

[66] CECATTO, Adriano. **O ensino do uso de imagem na formação de professores de História** / Adriano Cecatto. 2013.
[67] AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993.

particular, então cabe ao pesquisador buscar por sinais e significações que o artista deixou naquela imagem, para assim a iconografia ser repleta de sentido, realidade e objetividade, mesmo contendo o aspecto da subjetividade.

Por fim, podemos verificar a história das imagens por meio da análise realizada pela iconografia, que é "um ramo da história da arte que envolve estabelecer o conteúdo temático ou o significado de uma obra de arte como algo distinto de sua forma".

> E no caso do estudo das imagens, adentra a dimensão da cultura, instiga o historiador ir além dos acontecimentos representados. A partir dessa perspectiva é possível estabelecer uma leitura que possa ir além dos aspectos estéticos e contextualize o material visual que está ligado à produção e consumo. Desse modo, as imagens são feitas para serem lidas, interpretadas; contém sentido e esse sentido só poderá ser abarcado se entendido os valores e contextos de produção.[68]

A identificação deste conteúdo é, por vezes, um misto de erudição e quebra-cabeças, um trabalho histórico-dedutivo. Considerar a iconografia como um dos recursos mais ricos, cheios de possibilidades, desde que guardadas as suas fragilidades. Esses são os registros que têm que estabelecer um diálogo permanente. E é o que iremos fazer a seguinte, nas próximas páginas. Uma análise iconográfica de quatro álbuns do rapper Djonga que serão: *Heresia* (2017), *O menino que queria ser Deus* (2018), *Ladrão* (2019), e *Histórias da minha Área* (2020). Trabalharemos em função de compreender a intertextualidade em volta do que a imagem quer passar e seu diálogo com os temas e intencionalidades observadas, a priori, na análise das músicas.

4.1 Heresia

Figura 1: Capa do álbum *Heresia* (2017) (Foto/reprodução:internet).

[68] CECATTO, Adriano. **O ensino do uso de imagem na formação de professores de História** / Adriano Cecatto. 2013.

Primeiro álbum do Djonga lançado em 13 de março de 2017, o álbum contém 10 faixas. Como já citado no capitulo I dessa monografia, o álbum faz fortes críticas a sociedade e traz o empoderamento negro, chegando a se tornar o melhor álbum do ano pela revista *Rolling Stones*. Na capa do disco é o cantor Djonga e ele vem com a imagem de si mesmo duplicada.

Na imagem, ele está mais a frente, na qual se apresenta com um rosto mais sério, uma cara mais fechada, desconfiada, já a outra pessoa da imagem, que se encontra atrás do nosso sujeito, está sorridente, aparenta estar feliz. Em entrevista ao canal *Dissecação* do portal de vídeos *Youtube.com*, sobre a imagem o mesmo afirma: "É a relação de bem e mal, e esses são os arquétipos que usamos para se comunicar em sociedade". Contudo, na mesma imagem o cantor parece fazer uma referência também ao álbum intitulado *Clube da esquina* de 1972 do Milton Nascimento e Lô Borges.

Figura 2: Capa do álbum *Clube da esquina* de Milton Nascimento e Lô Borges (1972).

> "Quis criar um disco com esse conceito de conflitar o estabelecido, com o significado do que é ser um herege mesmo. Sou um cara de BH, um lugar onde a cultura é grande, a arte é forte, mas onde quase ninguém consegue vingar. O Clube da Esquina deu certo, vingou, no sentido de romper as barreiras do Estado. É a questão do cânone. Quis, humildemente, me comparar. Assim como eles, consegui ter êxito na carreira", diz, explicando o sentido dúbio da capa e do título. "É, ao mesmo tempo, uma homenagem e uma heresia, tipo, 'quem é esse cara para estar fazendo isso?'. É a falta de medo que tem que se ter na arte", afirma.[69]

Cada produção feita pelo Djonga, está atravessada por algum momento de sua trajetória de vida, os seus álbuns, as suas rimas, são retratos de sua história. Suas obras são espaços de liberdade, na qual pode-se fala sobre os seus medos, as suas inseguranças, as suas

[69] Disponível em: https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/reverencia-e-provocacao-com-o-clube-da-esquina-1.1495298. Acesso em: 24 nov. 2021.

revoltas e indignação contra tudo que acha que é errado, Djonga parece estar procurando a melhor forma de si: “o disco é feito de uma dúvida muito grande eu estava preocupado sobre a minha carreira, se iria dar certo ou não! preocupado com a minha família, essa é a heresia”[70].

Por conseguinte, ele se vê assim como é retrato na citação acima, ele para si próprio fora “heresio” e blasfemo, ao ponto de querer se comparar ao célebre Milton Nascimento na produção da capa de seu álbum. As explicações do por que Milton Nascimento pode ser múltiplas, talvez por ser de Belo Horizonte assim como ele, ou porque se deu bem na carreira mesmo sendo negro como ele, entre outras possibilidades, mas o que de fato é comum aos dois, além das capas, é o papel de abri caminho para muitos outros que sonham em ter sucesso no meio social. Talvez o próprio Djonga seja um desses que inspirados no caminho aberto por figuras como Milton Nascimento, puderam sonhar que isso poderia acontecer consigo também. Todavia, ter uma inspiração, não apaga ou eximem de medos, inseguranças de não ser aceito, de não conseguir ser respeitado por sua arte, entretanto, pelo que observamos até aqui pode-se dizer que acabou dando certo, muito certo, e *Heresia*, fez jus ao seu nome também nos grandes cenários da música nacional, sendo premiado como o melhor álbum do ano.

Em entrevista ao canal *Dissecação* do *Youtube.com*, Djonga traz relatos íntimos de racismo que sofrera durante sua vida, fala sobre a necessidade que ele tinha de ser aceito e das inseguranças e medos que ele ainda passa mesmo sendo famoso. Inseguranças em sair de casa, de andar na rua só pelo fato de ser preto. Na entrevista ele chega a dizer: “Eu buscava aprovação do pessoal branco, então eu percebi que eu não precisava de aprovação de ninguém. Foi aí que eu passei a entender o que é ser negro. Ele continua... “O negro, o irmão de pele tem que comemorar a vitória do outro, pois o mundo é muito difícil para nós negros”.

Entretanto, podemos observar, através de seu relato, uma condição social em que tudo aquilo que não pertence ao branco é situado em uma zona de exclusão, então o Djonga nunca sentia pertencia ao espaço por ser negro e, a partir desse relato, o rapper mostra o que as pessoas negras passam diariamente em nossa sociedade. “Nesse sentido, entendemos que a colonialidade é um traço evidente do cotidiano, expresso nas relações de poder, no

[70] DISSECAÇÃO | Djonga - Heresia. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eeNkvg4gqG0. Acesso em: 26 abr. 2022.

imaginário, nas relações sociais, algo característico de lugares que vivenciaram o colonialismo e a escravização".[71]

Quando o rapper fala que: "o mundo é mais difícil para nós negros", podemos chamar atenção para o fato de que no país que vivemos o negro não tem as mesmas oportunidades e privilégios que os brancos, "os homens brancos são maioria nos espaços de poder, esse não é um lugar natural, foi construído a partir de processos de escravização".[72] Então um jovem negro que vê um outro jovem negro de periferia, cantando e fazendo sucesso. Vai tomar isso como exemplo.

Em entrevista ao mesmo canal, Djonga relata "eu tenho medo de andar à noite; eu não tenho medo de bandido! Eu sou negro, então, teoricamente eu sou ladrão!". Ele continua... "eu tenho medo de polícia! Morro de medo!". E ainda expõe: "Eu não ando com celular no bolso, para a polícia não confundir com uma arma". Já no final da entrevista ele fala... "Eu não vou me calar! Nós preto tem que conquistar, porque é tudo nosso! Não que não seja da galera branca também, mas é nosso também e temos que estar lá; se não tivermos lá os dominantes estarão sempre lá".

Quando o rapper relata o seu medo pela polícia não é à toa, ou particularidade sua, segundo dados da *Anistia Internacional*, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, o que evidencia que está em curso o genocídio da população negra, sobretudo jovens.[73] Vejamos relatos reais de cidadãos negros mortos pela polícia, por estarem portando objetos, que segundo a polícia "se parecia" com armas de fogo.

> (Relato 1)
> Um jovem foi baleado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, depois de ter o celular confundido com uma arma por um policial militar. Um amigo que estava com Jean Lopes Pereira, de 18 anos, disse que o PM fez vários disparos e um deles atingiu a perna do rapaz. Jean foi operado no hospital Adão Pereira Nunes, em Duque de Caxias, e passa bem.[74] (recordtv.r7, 18/02/2020).
>
> (Relato 2)
> **Um ano depois, família de engenheiro morto por PM ao ter celular confundido com arma tenta reabrir inquérito.** A família de Gustavo dos Santos Amaral não descansa desde abril de 2020. No dia 19 daquele mês, o engenheiro eletricista estava indo trabalhar quando foi morto por engano, aos 28 anos, em uma barreira da Brigada Militar em busca de assaltantes de carro em Marau, no norte do Rio Grande do Sul.

[71] SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020.

[72] RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antiracista**. [*S. l.*]: Companhia das letras, 2019. 93 p.

[73] Ibid.

[74] JOVEM é baleado por PM após ter celular confundido com arma. Rio de janeiro, 18 fev. 2020. Disponível em: https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/jovem-e-baleado-por-pm-apos-ter-celular-confundido-com-arma-18022020. Acesso em: 27 abr. 2022.

> Convivendo com o vazio da perda do filho, o pai do rapaz mistura sentimentos de dor e revolta. Gilmar Amaral acredita que o Gustavo foi morto por ser negro.
> – É negro e está correndo? É bandido. Se realmente quisessem detê-lo, tinham atirado na perna, no braço. Todos nós achamos que o fato de ele ser negro foi fator fundamental para que o brigadiano tenha atirado nele – afirma o pai. (Gauchazh, 20/04/2021).

Violência essa, operacionalizando a necropolítica, um sistema policial falho, uma polícia que não serve e nem protege, utiliza-se da farda para executar corpos negros, propagando terror, medo, tristeza para aqueles que perdem seus entes queridos e isso demonstra que a sociedade está fundamentada por uma hierarquização, baseada nas diferenças raciais, sociais, econômicas entre outras.

4.2 O menino que queria ser Deus

Segunda produção do Djonga, lançado em 13 de março de 2018, o álbum *O menino que queria ser Deus* contém 10 faixas. Como já citado no capítulo I, o mesmo expõe rimas afiadas debatendo diversas questões tanto sociais, raciais, como da própria carreira e vida pessoal. Ainda fazendo referência ao capítulo inicial do nosso trabalho, é citado em um trecho de uma entrevista do rapper com o site da *vice*, em que o mesmo vai falar sobre o nome do álbum e as músicas que contém nele. Segundo o Djonga: “o artista cria e da vida a sua criação”. O “Deus” de Djonga vem no sentido de criar.

Figura 3: Capa do álbum *O menino que queria ser Deus* (2018).

Na imagem, Djonga está sentado no colo de uma mulher negra, pois nesse trabalho há valorização da figura da mulher, principalmente, em uma de suas músicas. Para ele a mulher é como apoio e proteção, o que não diverge da ideia de papel materna atribuída à condição feminina em sociedade. Na imagem, atrás dos sujeitos tem um céu bem azul com muitas

nuvens, assim dando a entender como se eles realmente tivessem no paraíso ou no reino de Deus.

Na mesma imagem, podemos chamar atenção para o fato de que Djonga está a pisar em homem branco, pela aparência e vestimentas, é um homem bem sucedido, ou pelo menos representa o chamado "homem de negócios", o famoso "engomadinho". A imagem traz consigo a intertextualidade e quando este pisa no homem branco de terno, isso faz referência a um processo de inversão de padrões, modelos, uma inversão histórica de papéis, todavia, sem os séculos de dores legados à população negra. Logo, a capa nos transmite a ideia básica de que o cantor esteja cansado das desigualdades sociais e raciais.

Quando o Djonga monta o projeto de *O menino que queria ser Deus*, pode parecer blasfêmia para alguns, porém, todavia o papel revolucionário aqui não parece estar legado à religião em primazia, mas no sentido de apropriar-se de tal religiosidade e tal qual seu Deus, poder criar, recriar, coisas, relações, situações sociais históricas, logo, querer ser tal como Deus, ou, no caso ser a própria divindade, representaria um pensamento inconformista com o mundo que o envolve. Para o Djonga, o criar dele, já que não pode ser onipotente, encontra sentido na própria arte, enquanto espaço de liberdade e revolução. Este é bem diferente do primeiro álbum, *Heresia*, pois em *O menino que queria ser Deus*, surge já com uma expectativa do público e de si mesmo, por não só manter o nível de suas produções, mas também, por continuar a progredir, seja na crítica seja nas rimas, logo, segundo o próprio, a produção de 2018 foi criada com capricho e dedicação em função de tais anseios.

O álbum *Heresia* foi produzido pelo próprio cantor em apenas três meses ele fala em entrevista para o canal *ONErpm* no *YouTube.com* "Eu tava acumulando informações de uma vida toda, Heresia era um grito de desespero". A partir disso, no trabalho *O menino que queria ser Deus*, ele buscou inovar. Em entrevista ao canal supracitado, Djonga afirma: "Estou buscando mais eternidade na parada; quero que no futuro olhem e falem que tem relevância". Ele continua... "A grande questão desse disco é o meu amadurecimento, esse ano eu aprendi demais, autoestima, confiança, profissionalismo, seriedade com as coisas", por fim, ele ainda fala, na mesma entrevista, que a fama o fez "querer acertar mais do que errar".

Segundo Souza, Silva, Rodrigues:

> O local onde está inserido o autor do discurso é de significativa relevância para esse tipo de análise, visto que tanto as letras quanto as produções audiovisuais

> estão imersos em seus contextos históricos, os quais produzirão efeitos no próprio discurso, expandindo seu entendimento.[75]

A maioria dos rappers procuram transmitirem parte da realidade em que vivem em suas músicas, um tema bastante explorado nas letras, na qual elementos como: a criminalidade, a violência e as dificuldades do cotidiano, são assuntos costumeiramente tratados. Com isso o cantor e as histórias refletem, ou procuram refletir, o cotidiano de uma maneira em que qualquer jovem ou adulto negro consegue ouvir e se conectar.

Podemos observar que nesse álbum o Djonga está mais maduro. No primeiro álbum, *Heresia*, ele estava mais desesperado, mas preso a seus medos e angústias, como foi abordado na discussão sobre a respectiva produção. Notamos assim um sujeito que estava com medo de não ser aceito pelo público, de não ser reconhecido como rapper e assim ter que desistir do seu sonho, da sua luta. Um ano depois, o cantor tem percepção mais clara de que foi aceito pelo público, passa a perceber que se torna um sinônimo de representatividade para uma nova geração e isso o faz querer mudar. Passou a escrever rimas com foco ainda mais centrado na conscientização, abordando temas necessários como: questões raciais, sociais, lutas raciais. Como ele mesmo diz: “um papo mais cabeça”.

4.3 “Ladrão”

Terceiro álbum do Djonga, lançado em 13 de março de 2019, contém 10 faixas. Nele o rapper se inspira no personagem heroico *Robin Hood*. O conceito de roubar dos ricos para dar para os pobres, a analogia que o cantor faz nesse sentido é “sou aquele que traz as riquezas para meu povo”. A produção traz a importância de valorizar suas raízes e não se esquecer de onde se veio, o rapper fala da sua relação íntima e familiar, que se parece com a realidade de muitas famílias brasileiras. Djonga ainda expõe que o nome “ladrão” está também ligado ao seu passado, no período de sua infância.

Abaixo segue capa do seu álbum *Ladrão*, de 2019.

[75] SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020.

Figura 4: Capa do álbum *Ladrão* (2019) (foto/ reproduzida: internet).

Djonga relata que:

> Quando eu era criança, eu andava na rua e me sentia ladrão mesmo quando nunca tinha roubado nada. As pessoas olhavam com medo. Quando cresci mais um pouco, roubei pra ter e pra me sentir melhor, pra me sentir fodão… O tempo passou e eu entendi que tipo de ladrão eu devia ser: esse que busca e traz de volta pras minhas e pros meus. Se preparem pra ver meu melhor, eu juro que eu dei meu melhor, e dessa vez eu to falando sério. Quando eu disse que queria ser Deus, eu não sabia a responsa que eu tava chamando pra mim. Quando eu entendi, eu percebi o que eu devia fazer, aí eu fui lá e fiz o que eu sempre fiz: roubei, roubei e trouxe de volta![76]

O álbum tem uma carga bastante pessoal, uma vez que, além de outras questões sua própria gravação se passa na casa de seus avós. Na imagem acima, Djonga está segurando uma máscara da *Ku Klux Kan*,[77] coberto por sangue que não é dele e sorrindo, aparentemente feliz e sua avó no fundo sentada no sofá de sua casa também sorrindo.

Existe muita intertextualidade nessa imagem, o rapper segurando a máscara da *Ku Klux Klan*, traz a imagem de "matamos os racistas, fizemos justiça". O rapper também aparece coberto por ouro e diversas joias, mostrando assim que, aparentemente, ele está "bem" financeiramente e que conquistou o que sempre sonhou: fama, dinheiro, reconhecimento ao passo que também se encontra e sente que está promovendo um movimento social importante. Nessa obra ele busca reivindicar para si direitos e também suas origens.

[76] DJONGA lança "Ladrão", seu terceiro álbum de estúdio, no YouTube; ouça. [*S. l.*], 14 mar. 2019. Disponível em:https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/03/14/djonga-lanca-ladrao/. Acesso em: 26 abr. 2020.

[77] A *Ku Klux Klan* (KKK) ou *Klan* é uma organização terrorista que foi fundada em uma pequena cidade do Tennessee, Estados Unidos, entre os anos de 1865 e 1866. Essa organização, que se pauta pelo supremacismo branco, promovia e promove atos terroristas contra pessoas negras e simpatizantes dos direitos dos negros.

4.4 Histórias da minha área

Figura 5: Capa do álbum *Histórias da minha quebrada* (2020) (foto/ reproduzida: internet).

Quarto álbum do Djonga, lançado em mais um dia 13 de março, agora de 2020, também com 10 faixas, com o nome de *Histórias da minha área*. Nesse álbum, Djonga faz críticas às violências do cotidiano, através da narração de histórias da comunidade que nasceu e cresceu. O projeto vai procurar, de forma sintetizada, contar toda a sua trajetória, da infância até o sucesso, mas dessa vez de forma diferente, nosso rapper vai trazer não apenas sua história, mas também à dos amigos que fez na sua "área", promovendo uma relação dialógica entre as trajetórias na comunidade.

Ao analisar a capa de *Histórias da minha área*, observa-se o rapper junto a mais quatro amigos de infância em um "beco de favela", eles estão sob uma expressão de dualidade, primeiro sorrindo e "vivos" e em seguida, ou ao mesmo tempo, estão mortos, caídos ao chão, mortos por tiros, dá para ver o furo das balas em seus corpos. Mortos por bandidos? Djonga já nos recorda que não tem medo dos bandidos, já dos policiais a história é outra. O rapper Djonga com a proposta da capa e das canções no álbum quis se aproximar ainda mais da realidade da maioria das pessoas que vivem nas comunidades, nas periferias, nas favelas de todo o país. Essas pessoas sofrem com a violência urbana diariamente, muitas crianças e jovens são mortos por invasões policiais, outros são mortos por envolvimento ao tráfico ou simplesmente pela sua suspeita. E grandes partes dessas mortes são de pessoas negras, de acordo com o 14º Anuário de Segurança Pública.

(Reportagem 1)

> O Brasil registrou 25.712 mortes violentas intencionais no primeiro semestre de 2020, de acordo com o 14º Anuário de Segurança Pública. O número representa um aumento de 7,1% na comparação com o mesmo período do ano passado, apesar do contexto de isolamento social por causa da pandemia da covid-19. As mortes violentas intencionais incluem homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenções policiais. A pesquisa mostra que o principal grupo de risco para a violência letal no país são os homens negros e jovens. Em 2019, 74,4% das vítimas de mortes violentas intencionais eram pessoas negras e 25,3% pessoas brancas.
> Os negros também são as maiores vítimas de mortes provocadas pela polícia. De todos os mortos por intervenção policial no ano passado, 79% eram negros. Em contrapartida 65% dos policiais assassinados eram pretos ou pardos. Entre os tipos de violência intencional que apresentaram maior crescimento no primeiro semestre de 2020 estão os homicídios dolosos (8,3%) e as mortes decorrentes de intervenção policial (6%).[78]
>
> (Reportagem 2)
> A diretora executiva da Anistia Internacional no Brasil, Jurema Werneck, criticou a política de guerra às drogas e avaliou que a morte de pessoas negras tem relação com o que classificou como o desmantelamento de políticas e mecanismos de combate ao racismo. "Na Segurança Pública, temos uma visão equivocada que já dura várias décadas, que é a chamada guerra às drogas, que mira, basicamente, quem mora na favela, como se a droga fosse um problema de guerra e brotasse lá", afirmou.
> "Essa política que reitera o confronto é muito perniciosa, e mira jovens negros, porque o que estamos vendo é que as polícias e os estados enxergam os jovens negros como inimigos da nação, e isso tem que ser interrompido", acrescentou. Segundo ela, o que está por trás disso é "uma visão racista que não tem sido confrontada, trabalhada nem impedida de circular". "Ou seja, o racismo presente na sociedade não está sendo impedido de agir", defendeu.
> "A gente teve muita luta para construir uma série de políticas, mecanismos, indicadores e instrumentos para enfrentar o racismo – seja nas políticas públicas ou na sociedade – e isso está sendo desmantelando. O resultado está aí", lamentou.[79]

Quando a diretora executiva da *Anistia Internacional no Brasil*, Jurema Werneck, fala que o Estado e a polícia enxergam o jovem negro como inimigo e que este mesmo Estado não faz nada para mudar isso, podemos dizer que é a isso se aplica a Necropolitica, ou que seria por meio dela enquanto projeto deliberado, termo este que ganha notoriedade internacional associado aos escritos do historiador e filósofo Achille Mbembe.

Mbembe, reflete que a falta de interesse por parte de líderes políticos que deveriam representar os interesses da população, por não se importarem com a vida de seu povo, ou pelo menos de parte dele. "como um lugar onde um poder difuso, e nem sempre exclusivamente estatal, insere a economia da morte em suas relações de produção e poder: os líderes de fato exercem sua autoridade por meio do uso da violência, e assumem o direito de

[78] POLÍCIA brasileira atua a partir de viés preconceituoso e racista', diz Anistia. Rio de janeiro: Sinara Peixoto, 19 out. 2020. Disponível em:https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-brasileira-atua-a-partir-de-vies-preconceituoso-e-racista-diz-anistia/. Acesso em: 26 abr. 2022.

[79] POLÍCIA brasileira atua a partir de viés preconceituoso e racista', diz Anistia. Rio de janeiro: Sinara Peixoto, 19 out. 2020. Disponível em:https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-brasileira-atua-a-partir-de-vies-preconceituoso-e-racista-diz-anistia/. Acesso em: 26 abr. 2022.

decidir sobre a vida".[80] Trazendo a ideia onde autoridades políticas escolhem quem vai viver e quem vai morrer mortes essas que surgem a partir do momento que o Estado não cuida de seu povo, ou prima por posições que segregam a vida de parte dele, se eximindo da responsabilidade de dar a devida assistência e cuidados também às classes marginalizadas.

O rapper Djonga, por meio de suas rimas, de sua construção identitária, seja visual ou musical, busca trazer um discurso crítico decolonial associado às questões próprias de sua trajetória pessoal, Djonga assim mostrasse quase como um professor, pedagogo, historiador, sociólogo, mesmo sem angariar tais carimbos dos círculos acadêmicos, para os jovens que o ouvem, ajudando-os a saírem ou pelo menos servindo de exemplo e lição, enquanto alguém que enfrentou situações de inúmeras violências, simbólicas e práticas. "Assim como a perspectiva decolonial, o rap propõe a transformação dos nossos referenciais, produzindo reflexões no interior do próprio grupo social através do questionamento dos padrões e parâmetros dominantes e hegemônicos".[81]

[80] MBEMBE, Achille. **Necropolitique em Traversées, disporás, modernités, Raisons politique**, n. 21, 2006, pp. 26-60.

[81] SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho conhecemos um pouco mais a história e trajetória cultural do rapper Djonga, passamos por toda sua trajetória de sucessos, por todos os seus álbuns e prêmios que ganhou. Hoje considerado o rapper mais influente do Brasil. Os seus raps tem uma representativa importância na construção de uma identidade negra e periférica no Brasil. Isso não acarreta em dizer que todas suas composições foram e são reflexos da realidade social, representa em certa medida o repertório social e as mudanças nas perspectivas de sociedade.

Podemos considerar que na medida em que a sociedade brasileira foi mudando suas perspectivas e condições sociais, econômicas e políticas nos últimos anos, foram acontecendo também dobramentos nas formas de representação dos sujeitos negros. A própria identidade étnica e racial dos moradores das periferias na grande maioria negros e negras, acaba por sofrer mudanças, ora excluindo, ora assimilando aspectos diversos da cultura no geral, uma vez que essas identidades se fundam na lógica que processa essas contradições afirmando a condição diaspórica da população negra pelo mundo. Na medida em que essas novas identidades emergem, o papel social até então atribuído a esses indivíduos pela lógica racista passa a ser contestado, pelo viés cultural da periferia.

É esse processo de reestruturação social, político e histórico que além de reforçar e construir novas formas culturais e identitárias, que acaba também por desmentir a falácia da Democracia Racial em nossas terras. Importante salientar que essa construção se reflete no movimento hip hop e nas músicas de rap. Observamos então que a cultura do rap é um movimento de resistência e contenção, colaborando na elaboração de estratégias desses grupos subordinados na luta contra hegemônia.

As canções utilizadas neste estudo caracterizam-se, assim, como manifestações de práticas culturais e representações de conteúdos antagonistas por meio dos discursos que circulam em seus espaços sociais entre locutor e interlocutor no seu espaço social. Esse é o modo que o Djonga encontrou para se fazer presente no mundo e também se inserir num debate público das questões relacionadas às posições sociais específicas de nossa sociedade, por meio de reivindicações, escolhas e ações.

Muitos jovens se sentem representados pelo que o rapper compartilha em suas letras. Experiências que uma boa parte da juventude já vivenciou ou parece estar próxima. Portanto, os raps de Djonga tem uma grande representatividade no processo de construção de uma identidade negra e periférica no Brasil, as suas músicas são reflexos da realidade social, por meio de suas rimas ele relata a existência da negação e perseguição que o povo periférico sofre, mas também, da sua resistência, Djonga não se calou, como este bem diz e assim virou referência na periferia que crescera e no cenário nacional como um todo.

REFERÊNCIAS

Livros:

ANASTÁCIO, Edmilson Souza. **Rap, uma leitura do brasil contemporâneo, através da periferia**. 2001. 85 p. MONOGRAFIA (BACHERELADO) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1993

CARVALHO, Tatiane Valéria Rogério de. **A identidade do movimento Hip-Hop curitibano a partir da análise do discurso de letras de música de Rap** / Tatiane Valéria Rogério de Carvalho. – Curitiba, 2011.141 f.

CECATTO, Adriano. **O ensino do uso de imagem na formação de professores de História** / Adriano Cecatto. — 2013

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.p. 194

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós -moderno**/ Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MBEMBE, Achille, **Necropolitique em Traversées, disporás, modernités, Raisons politique**, n 21, 2006, pp. 26-60.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música**: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, ed. nº 39, p. 203-221. ano 2000.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo** / Adilson Moreira. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurai s / coordenação de Djamila Ribeiro).

PALERMO FRADE, Larissa. **A criminologia cultural e o rap como ativismo urbano contracultural**: Reflexões sobre cultura, crime e olhares criminalizantes. Orientador: Cláudia Maria Cruz Santos. 2015. 149 p. Dissertação (BACHERELADO) - Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, COIMBRA, 2015.

RAIMUNDO CUSTÓDIO JÚNIOR, Venício. **A vida é diferente da ponte pra cá:** cultura, identidade e diferença nos raps dos Racionais MC's. Orientador: Lucas Cid Gigante. 2018. 68 p. MONOGRAFIA (BACHARELADO) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antiracista**. [*S. l.*]: Companhia das letras, 2019. 93 p.

SANTOS, THAIS DOS. **"Será que eles veem em nós um marginal padrão?":** uma discussão sobre rap e reconhecimento. Orientador: Profª. Dra. Rayza Sarmento. 2019. 35 p. MONOGRAFIA (BACHARELADO) - Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, VIÇOSA - MINAS GERAIS, 2019.

SOUZA, SILVA, RODRIGUES. Cultura Popular Negra: Decolonialidade No Rap e em Produções Audiovisuais. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [*s. l.*], ano 2020, v. v.9, ed. nº2, p. 1/22, 2020.

TELLES, Edward Eric. **Racismo á brasileira: uma nova perspectiva sociológica**/ Edward Eric Telles/ tradução Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. - Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Forde,2003.

TEODÓSIO, Marcela Dias. **O rap e suas ressignificações** / Marcela Dias Teodósio. --São Carlos: UFSCar, 2012. 131 f.

Sites:

ANTUNES, PEDRO. **Baco Exu do Blues, Gilberto Gil, Duda Beat: os 25 melhores discos brasileiros do segundo semestre de 2018, segundo a APCA**: Associação Paulista de Críticos de Arte escolhe, no total, 50 álbuns nacionais antes de chegar ao veredito do "disco do ano". [*S. l.*], 24 nov. 2021. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/baco-exu-do-blues-gilberto-gil-carn-doce-duda-beat-apca-escolhe-os-25-melhores-discos-brasileiros-do-segundo-semestre-2018/. Acesso em: 24 nov. 2021.

ANTUNES, PEDRO (ed.). **Incansável, Djonga resgata sua origem com o novo disco 'Ladrão', gravado na casa da sua avó; ouça**: Pela terceira vez seguida, o rapper mineiro lança um álbum no dia 13 de março. São Paulo, 13 mar. 2019. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/incansavel-djonga-resgata-sua-origem-com-o-novo-disco-ladrao-ouca/. Acesso em: 16 nov. 2021.

BARBOSA, DANIEL. **Reverência e provocação com o Clube da Esquina**: Djonga diz que gosta e ouve muito o Clube e todos os artistas que o orbitam. BELO HORIZONTE, 24 nov. 2021. Disponível em: https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/reverencia-e-provocacao-com-o-clube-da-esquina-1.1495298. Acesso em: 24 nov. 2021.

BRANCOS têm renda 74% superior à de pretos e pardos, diz IBGE: Estudo 'Desigualdades Sociais por Cor ou Raça' mostra que desvantagem não se altera nos últimos anos. [*S. l.*], 13 nov. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/brancos-tem-renda-74-superior-a-de-pretos-e-pardos-diz-ibge.shtml#_=_. Acesso em: 8 maio 2022.

DISSECAÇÃO | Djonga - Heresia. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eeNkvg4gqG0. Acesso em: 26 abr. 2022.

DJONGA | #Provoca. [*S. l.*: *s. n.*], 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n9yOGEUVJhc&t=544s. Acesso em: 16 nov. 2021.

DJONGA faz história e é o primeiro brasileiro indicado ao BET Hip Hop Awards: Rapper vai concorrer na categoria Melhor Artista Internacional em cerimônia que acontece no dia 27 de outubro. [*S. l.*]: REDAÇÃO, 29 set. 2020. Disponível em: https://www.otempo.com.br/diversao/djonga-faz-historia-e-e-o-primeiro-brasileiro-indicado-ao-bet-hip-hop-awards-1.2392060. Acesso em: 16 nov. 2021.

DJONGA lança “Ladrão”, seu terceiro álbum de estúdio, no YouTube; ouça. [*S. l.*], 14 mar. 2019. Disponível em:https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/03/14/djonga-lanca-ladrao/. Acesso em: 26 abr. 2020.

DJONGA: (rapper). [*S. l.*], 24 nov. 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Djonga_(rapper). Acesso em: 24 nov. 2021.

DORNELAS, Luana (ed.). **A trajetória de Djonga**. [*S. l.*], 14 dez. 2017. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/a-trajetoria-de-djonga. Acesso em: 15 nov. 2021.

FELIX, Vinicius (ed.). **Qual é a melhor música nacional de 2017?**: Rap, funk, sertanejo, rock, MPB... Quem mandou melhor esse ano? Participe!. [*S. l.*], 8 jan. 2018. Disponível em: https://www.redbull.com/br-pt/quais-sao-os-100-melhores-sons-nacionais-de-2017. Acesso em: 16 nov. 2021.

HDS, Vitor (ed.). **Biografia**. [*S. l.*], 18 maio 2019. Disponível em: https://www.last.fm/pt/music/Djonga/+wiki. Acesso em: 16 nov. 2021.

JOVEM é baleado por PM após ter celular confundido com arma. Rio de janeiro, 18 fev. 2020. Disponível em: https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/jovem-e-baleado-por-pm-apos-ter-celular-confundido-com-arma-18022020. Acesso em: 27 abr. 2022.

MELO,BATISTA, Geovana , Lucas *et al*, (ed.). **Eu quis contar a minha história‘, diz Djonga sobre o mais novo trabalho**: Inspirado pelas vivências da Zona Leste de Belo Horizonte, Djonga lança o álbum ‘Histórias da minha área‘. 26 mar. 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2020/03/26/interna_diversao_arte,837125/eu-quis-contar-a-minha-historia-diz-djonga-sobre-o-mais-novo-trabal.shtml. Acesso em: 16 nov. 2021.

MORTES violentas crescem 7,1% apesar da pandemia. Rio de janeiro: Paula Martini, 19 out. 2020. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mortes-violentas-crescem-7-1-apesar-da-pandemia/. Acesso em: 26 abr. 2022.

MOURA , Beatriz (ed.). **Djonga, o menino que queria ser Deus**: Em seu segundo disco, o rapper mineiro solta a voz e reflete sobre vida pessoal e carreira, sem deixar de rimar sobre questões sociais e raciais.. [*S. l.*], 2018. Disponível em: https://www.vice.com/pt/article/ywqaby/djonga-menino-queria-ser-deus-entrevista. Acesso em: 16 nov. 2021.

ONErpm| Djonga- o menino que queria ser Deus.2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5tC1rJvht9k. Acesso em: 26 abr. 2022.

POLÍCIA brasileira atua a partir de viés preconceituoso e racista’, diz Anistia. Rio de janeiro: Sinara Peixoto, 19 out. 2020. Disponível em:https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policia-brasileira-atua-a-partir-de-vies-preconceituoso-e-racista-diz-anistia/. Acesso em: 26 abr. 2022.

RACISMO estrutural segrega negros no mercado de trabalho: Dados mostram que salários de trabalhadores negros são menores que dos brancos e eles ocupam postos mais precarizados e sem proteção social. “Herança da escravidão”, afirma dirigente da CUT. São Paulo, 20 nov.

2020. Disponível em: https://www.cut.org.br/noticias/racismo-estrutural-segrega-negros-no-mercado-de-trabalho-548e. Acesso em: 8 maio 2022.
RAPPER Djonga lança 'Heresia', seu álbum de estreia: Fã de Clube da Esquina, artista começou sua carreira no funk e quer provar que hip-hop não é 'música marginal'. Minas Gerais, 31 mar. 2017. Disponível em: https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2017/03/31/noticias-musica,204317/rapper-djonga-lanca-heresia-seu-album-de-estreia.shtml. Acesso em: 16 nov. 2021.

SIMON CAMARÃO, Pedro (ed.). **Crítico e polêmico, Djonga é um dos rappers da nova geração**. [*S. l.*]: Pedro Simon Camarão, 20 jun. 2018. Disponível em: https://fpabramo.org.br/2018/06/20/critico-e-polemico-djonga-e-um-rappers-da-nova-geracao/. Acesso em: 16 nov. 2021.

SOU um cara que acredita que a arte tem o papel de provocar: Sensação, Sensacional: a ascensão de um ícone. [*S. l.*], 24 nov. 2021. Disponível em: https://genius.com/Genius-brasil-faixa-iconica-olho-de-tigre-do-djonga-annotated. Acesso em: 24 nov. 2021.

TUDO sobre Djonga. *In*: **Tudo sobre Djonga** . [*S. l.*], 25 set. 2018. Disponível em: https://www.revistarap.com.br/tudo-sobre-djonga/. Acesso em: 15 nov. 2021.

UM ANO depois, família de engenheiro morto por PM ao ter celular confundido com arma tenta reabrir inquérito. 20 abr. 2021. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/04/um-ano-depois-familia-de-engenheiro-morto-por-pm-ao-ter-celular-confundido-com-arma-tenta-reabrir-inquerito-cknqb31oc005n019832nysgto.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

Repositório Institucional da UFPI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

[ ]Tese [ ]Dissertação [**X**]Monografia [ ]TCC Artigo [ ]Livro

[ ]Capítulo de Livro [ ]Material Cartográfico ou Visual [ ]Música

[ ]Obra de Arte [ ]Partitura [ ]Peça de Teatro [ ]Relatório de pesquisa

[ ]Comunicação e Conferência [ ]Artigo de periódico [ ]Publicação seriada

[ ]Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: **Licenciatura em História.**

Programa de pós-graduação: _____

Outro: _____

Autor (a): **Daniela Da Silva Vieira**

E-mail: **daniella_2198@hotmail.com**

Orientador (a) **Prof. Dr. Mairton Celestino da Silva**

Instituição: **Universidade Federal do Piauí Campos Senador Helvidio Nunes de Barros**

Membro da banca: **Profº. Dr. José Maria Vieira de Andrade**

Instituição: **Universidade Federal do Piauí Campos Senador Helvidio Nunes de Barros**

Membro da banca**: Prof.ª Maria Artuane da Costa Oliveira**

Instituição: **Universidade Federal do Piauí Campos Senador Helvidio Nunes de Barros**

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: **Licenciatura em História.**

Data da defesa: **18/ 05/ 2022**

Título do trabalho: **DJONGA CULTURA E IDENTIDADE: O RAP COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA**

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): _____

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [**X**]

Parcial: [ ]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capitulos(s) a serem publicados:_____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: PICOS – PIAUÍ Data: 07 / 07 / 2022

Assinatura do(a) autor(a): Daniela da Silva Vieira .

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).